



LEITURAS



Não é
meu
lem
volta
tudo
o, v
surp
mês
ho a
a ma
ida!
amor,
ue, q
tar eu
rado
osso
vai ser
sima
Aprove
nês for
seu es
aqui e
ntando
surpresa
vida!
uinha!
nho. Un
onhado
por anos
esquil
ta logo
logo p
quilinh
Enqua
vou ca
na de
nossa
do do
nor p
esq
Ah

o
você
tudo
en
ma
sse
quili
lhora.
a de
ta que
vid
hora em
e ac
onvite
aquele
Se
namorado
o melhor
gente sai
as costas
ês anos.
é me for
s coisas
odem a
o Nílson
ado desc
ou fodi
o paler
er alguma
molão
e. Mas
porra. C
na do a
a mal d
o pode,
Mas o
também
igar, n
mim, n
manda
ear.
del

o
você
tudo
en
ma
sse
quili
lhora.
a de
ta que
vid
hora em
e ac
onvite
aquele
Se
namorado
o melhor
gente sai
as costas
ês anos.
é me for
s coisas
odem a
o Nílson
ado desc
ou fodi
o paler
er alguma
molão
e. Mas
porra. C
na do a
a mal d
o pode,
Mas o
também
igar, n
mim, n
manda
ear.
del

o
você
tudo
en
ma
sse
quili
lhora.
a de
ta que
vid
hora em
e ac
onvite
aquele
Se
namorado
o melhor
gente sai
as costas
ês anos.
é me for
s coisas
odem a
o Nílson
ado desc
ou fodi
o paler
er alguma
molão
e. Mas
porra. C
na do a
a mal d
o pode,
Mas o
também
igar, n
mim, n
manda
ear.
del

o
você
tudo
en
ma
sse
quili
lhora.
a de
ta que
vid
hora em
e ac
onvite
aquele
Se
namorado
o melhor
gente sai
as costas
ês anos.
é me for
s coisas
odem a
o Nílson
ado desc
ou fodi
o paler
er alguma
molão
e. Mas
porra. C
na do a
a mal d
o pode,
Mas o
também
igar, n
mim, n
manda
ear.
del

o
você
tudo
en
ma
sse
quili
lhora.
a de
ta que
vid
hora em
e ac
onvite
aquele
Se
namorado
o melhor
gente sai
as costas
ês anos.
é me for
s coisas
odem a
o Nílson
ado desc
ou fodi
o paler
er alguma
molão
e. Mas
porra. C
na do a
a mal d
o pode,
Mas o
também
igar, n
mim, n
manda
ear.
del

o
você
tudo
en
ma
sse
quili
lhora.
a de
ta que
vid
hora em
e ac
onvite
aquele
Se
namorado
o melhor
gente sai
as costas
ês anos.
é me for
s coisas
odem a
o Nílson
ado desc
ou fodi
o paler
er alguma
molão
e. Mas
porra. C
na do a
a mal d
o pode,
Mas o
também
igar, n
mim, n
manda
ear.
del

o
você
tudo
en
ma
sse
quili
lhora.
a de
ta que
vid
hora em
e ac
onvite
aquele
Se
namorado
o melhor
gente sai
as costas
ês anos.
é me for
s coisas
odem a
o Nílson
ado desc
ou fodi
o paler
er alguma
molão
e. Mas
porra. C
na do a
a mal d
o pode,
Mas o
também
igar, n
mim, n
manda
ear.
del

o
você
tudo
en
ma
sse
quili
lhora.
a de
ta que
vid
hora em
e ac
onvite
aquele
Se
namorado
o melhor
gente sai
as costas
ês anos.
é me for
s coisas
odem a
o Nílson
ado desc
ou fodi
o paler
er alguma
molão
e. Mas
porra. C
na do a
a mal d
o pode,
Mas o
também
igar, n
mim, n
manda
ear.
del

o
você
tudo
en
ma
sse
quili
lhora.
a de
ta que
vid
hora em
e ac
onvite
aquele
Se
namorado
o melhor
gente sai
as costas
ês anos.
é me for
s coisas
odem a
o Nílson
ado desc
ou fodi
o paler
er alguma
molão
e. Mas
porra. C
na do a
a mal d
o pode,
Mas o
também
igar, n
mim, n
manda
ear.
del

o
você
tudo
en
ma
sse
quili
lhora.
a de
ta que
vid
hora em
e ac
onvite
aquele
Se
namorado
o melhor
gente sai
as costas
ês anos.
é me for
s coisas
odem a
o Nílson
ado desc
ou fodi
o paler
er alguma
molão
e. Mas
porra. C
na do a
a mal d
o pode,
Mas o
também
igar, n
mim, n
manda
ear.
del

o
você
tudo
en
ma
sse
quili
lhora.
a de
ta que
vid
hora em
e ac
onvite
aquele
Se
namorado
o melhor
gente sai
as costas
ês anos.
é me for
s coisas
odem a
o Nílson
ado desc
ou fodi
o paler
er alguma
molão
e. Mas
porra. C
na do a
a mal d
o pode,
Mas o
também
igar, n
mim, n
manda
ear.
del

o
você
tudo
en
ma
sse
quili
lhora.
a de
ta que
vid
hora em
e ac
onvite
aquele
Se
namorado
o melhor
gente sai
as costas
ês anos.
é me for
s coisas
odem a
o Nílson
ado desc
ou fodi
o paler
er alguma
molão
e. Mas
porra. C
na do a
a mal d
o pode,
Mas o
também
igar, n
mim, n
manda
ear.
del

o
você
tudo
en
ma
sse
quili
lhora.
a de
ta que
vid
hora em
e ac
onvite
aquele
Se
namorado
o melhor
gente sai
as costas
ês anos.
é me for
s coisas
odem a
o Nílson
ado desc
ou fodi
o paler
er alguma
molão
e. Mas
porra. C
na do a
a mal d
o pode,
Mas o
também
igar, n
mim, n
manda
ear.
del

o
você
tudo
en
ma
sse
quili
lhora.
a de
ta que
vid
hora em
e ac
onvite
aquele
Se
namorado
o melhor
gente sai
as costas
ês anos.
é me for
s coisas
odem a
o Nílson
ado desc
ou fodi
o paler
er alguma
molão
e. Mas
porra. C
na do a
a mal d
o pode,
Mas o
também
igar, n
mim, n
manda
ear.
del

o
você
tudo
en
ma
sse
quili
lhora.
a de
ta que
vid
hora em
e ac
onvite
aquele
Se
namorado
o melhor
gente sai
as costas
ês anos.
é me for
s coisas
odem a
o Nílson
ado desc
ou fodi
o paler
er alguma
molão
e. Mas
porra. C
na do a
a mal d
o pode,
Mas o
também
igar, n
mim, n
manda
ear.
del

OS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS

Periodicidade e Ficção no Brasil (Século XIX)



Ana Cláudia Suriani da Silva

No Brasil do século XIX, era regra publicar ficção em periódicos de diversos gêneros, e Machado de Assis é provavelmente o melhor paradigma dessa prática. Ao longo de sua carreira literária, ele publicou cinco de seus nove romances, catorze séries de crônicas¹ e 188 dos seus 195 contos usando seu próprio nome ou pseudônimo em jornais, revistas e almanaques, a maioria deles por editores estabelecidos no Rio de Janeiro. O periódico superou o livro como o meio de disseminação predominante dos contos, não apenas porque as suas tiragens eram maiores do que as das primeiras edições em livro, mas também porque muitos dos contos do escritor eram reproduzidos em periódicos nas províncias e mesmo em Portugal. Limitando-me a um único exemplo, “Vidros Quebrados”, publicado pela primeira vez na *Gazeta Literária* em 15 de outubro de 1883, foi reproduzido durante a vida do autor em *Vassourense* (Vassouras, 1º de julho de 1888), *A Semana* (Rio de Janeiro, 14 de abril de 1895) e *Brasil-Portugal* (Lisboa, 1º de maio de 1905)². ¶ Embora eu trate brevemente de como os romances de Machado operavam dentro de um determinado conjunto de convenções da imprensa periódica e foram codificados de acordo com essas convenções, o objeto principal deste artigo são os contos. A colaboração de Machado de Assis com contos para a imprensa carioca abrange e conecta as chamadas duas fases da produção do escritor. Assim, é de se esperar, além de casos interessantes de reaproveitamento de núcleos temáticos e personagens, ou mesmo reescritas, alguma irregularidade na qualidade literária dos textos. Tal irregularidade fica particularmente

1. Cf. Machado de Assis, *Crônicas Escolhidas*, org. por John Gledson, São Paulo, Companhia das Letras, 2013.

2. José Galante de Sousa, *Bibliografia de Machado de Assis*, Rio de Janeiro, INL, 1955, p. 544.

evidente quando empreendemos um *close reading* dos contos longos dos anos 1860 e 1870, publicados em folhetins – como “Confissões de uma Viúva Moça”, “Questão de Vaidade” e “Linha Reta e Linha Curva” –, e de textos canônicos dos anos 1880 e 1890, como “Noite de Almirante”, “A Causa Secreta” e “O Caso da Vara”.

Machado de Assis certamente tinha consciência desse fato e escolheu não republicar em livro a grande maioria de seus contos, o que quase impossibilitou o acesso a eles por muitos anos. Depois da morte do escritor, narrativas que haviam ficado de fora de *Contos Fluminenses* (1869), *Histórias da Meia-noite* (1873), *Papéis Avulsos* (1882), *Histórias sem Data* (1884), *Várias Histórias* (1896), *Páginas Recolhidas* (1899) e *Relíquias da Casa Velha* (1906) foram pouco a pouco resgatadas dos periódicos e republicadas em coletâneas, primeiro em edições impressas – como as da Garnier, Jackson e Nova Aguilar – e mais recentemente em edições eletrônicas, como as da Fundação Casa de Rui Barbosa e do Nupill (Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina). O leitor do século XXI tem, portanto, acesso a todas as histórias atribuídas a Machado de Assis, e também, como veremos adiante, àquelas cuja autoria ainda é questionada.

Além disso, o empenho da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em tornar seu acervo de periódicos disponível em forma digital estimulou e facilitou o estudo dos textos *in situ*. Desse modo, muitos estudos críticos mudaram de foco, passando do exame de aspectos linguísticos do texto em edições em livro para as condições textuais³ em seu meio original de publicação, dado que, nas palavras de Eagleton, “todo texto literário de algum

modo internaliza suas relações sociais de produção – todo texto insinua por meio das suas próprias convenções o modo como deve ser consumido, codifica sua própria ideologia e como, por quem e para quem foi produzido”⁴.

Uma das consequências foi a reavaliação da divisão tradicional e simplificadora da obra machadiana em duas fases – a romântica e a da maturidade – por uma variedade de estudos, como os de Azevedo⁵, Crestani⁶, Gledson⁷, Junqueira⁸, Ribeiro⁹, Silva¹⁰ e Silveira¹¹, para citar alguns voltados para os contos machadianos. Eles mostraram que a imprensa foi fundamental para a ascensão de Machado de Assis como escritor profissional e recuperaram as conexões entre criação literária e colaboração jornalística, mostrando que o meio original de publicação dos textos

3. Jerome McGann, *The Textual Condition*, Princeton, Princeton University Press, 1991.

4. Terry Eagleton, “Categories for a Materialist Criticism”, *Criticism and Ideology: A Study in Marxist Literary Theory*, New York, Verso, 1976, p. 48.

5. Sílvia Maria Azevedo, *A Trajetória de Machado de Assis: Do Jornal das Famílias aos Contos e Histórias em Livro*, São Paulo, USP, 1990. Tese de Doutorado.

6. Jaison Luís Crestani, *Machado de Assis no Jornal das Famílias*, São Paulo, Nankin/Edusp, 2009 e *Machado de Assis e o Processo de Criação Literária*, São Paulo, Nankin/Edusp, 2014.

7. John Gledson, “Os Contos de Machado de Assis: o Machete e o Violoncelo”, em Machado de Assis, *Contos: Uma Antologia*, São Paulo, Companhia das Letras, 1988 e “O Espelho Irônico de Machado de Assis”, *Revista Cult*, abr./jul. 1999.

8. Ivan Junqueira, “Machado de Assis e a Arte do Conto”, *Navegações*, vol. 2, n. 2, pp. 116-120, jul./dez. 2009.

9. Luis Filipe Ribeiro, “Machado: Um Contista Desconhecido”, *Machado de Assis Em Linha*, n. 1, jun. 2008. Disponível em: <<http://machadodeassis.fflch.usp.br/node/9>>. Acesso em 10.12.2017.

10. C.f. Machado de Assis, *Linha Reta e Linha Curva: Edição Crítica e Genética de um Conto de Machado de Assis*, org. por Ana Cláudia Suriani da Silva, Campinas, Editora da Unicamp, 2003.

11. Daniela Magalhães da Silveira, *Contos de Machado de Assis: Leituras e Leitores do Jornal das Famílias*, Campinas, Unicamp, 2005. Dissertação de mestrado, e *Fábrica de Contos: as Mulheres Diante do Cientificismo em Contos de Machado de Assis*, Campinas, Unicamp, 2009. Tese de Doutorado.

é essencial para a compreensão do conto como obra literária.

Nos trabalhos acima mencionados, com exceção dos artigos de Ribeiro e Junqueira, a ênfase recaiu sobre o exame da colaboração de Machado de Assis com periódicos específicos, particularmente com as duas revistas e o jornal onde ele publicou a maioria de seus contos: *Jornal das Famílias*, *A Estação* e *Gazeta de Notícias*. Em grau maior ou menor, eles se debruçaram, de um lado, sobre tendências editoriais, conteúdo, materialidade, modelo de negócio, colaboradores e público-alvo desses periódicos, e, do outro, sobre temas e soluções formais das narrativas, de modo a investigar como estas funcionam dentro de um determinado conjunto de convenções da imprensa periódica, satisfazendo ou subvertendo as exigências de cada suporte.

Este artigo pretende contribuir para a compreensão de que, no Brasil como em outras países, o conto, mesmo os de grandes escritores como Machado de Assis, é um fenômeno empírico que ocorre em contextos materiais específicos e de que periódicos são objetos culturais, nos quais a alta literatura, a arte e a propaganda se misturam desde as origens do jornalismo¹². Ao invés de oferecer mais uma leitura idiossincrática de um conjunto de textos, ora concentrando-se na teoria, ora no contexto de publicação e em narrativas paradigmáticas, este artigo propõe um *distant reading*¹³ da totalidade dos contos de Machado de Assis, reunindo e analisando dados relativos ao código bibliográfico, em especial o modelo de negócio e periodicidade dos jornais e revistas, o modo de publicação do texto – na íntegra ou em fascículos –, sua localização na página e, não menos im-

portante, a proporção do conteúdo textual relativa à publicidade, de modo a destacar regularidades, padrões e mudanças dentro da série completa dos contos.

Sustento que a proporção do conteúdo textual relativa à publicidade, as vendas por assinatura ou por números avulsos, o padrão de leitura predominante nas revistas e jornais, que foram o meio original de publicação de 84% dos contos, foram determinantes para a consolidação de dois paradigmas coexistentes dos contos: o conto seriado e o conto em um só fascículo.

¶ Levantamento dos contos

Para o levantamento dos contos completos de Machado de Assis consultei em primeiro lugar a *Bibliografia de Machado de Assis*, de Galante de Sousa, a primeira e a segunda edições da *Obra Completa*, da Nova Aguilar (1959, 2008) e as edições eletrônicas *Romances e Contos em Hipertexto*, do Nupill¹⁴. A edição de 2008 da Nova Aguilar foi publicada como parte das comemorações do primeiro centenário da morte de Machado de Assis. Trata-se de uma segunda edição ampliada e atualizada.

Em segundo lugar, consultei antologias póstumas, publicadas antes da primeira edição da *Obra Completa*, que recolheram textos ainda dispersos em vários periódicos. Entre elas, *Outras Relíquias* (1910), da editora Garnier, *Novas Relíquias* (1932), da Guanabara, *Relíquias da Casa Velha II* (1937), *Páginas Recolhidas* (1937), *Histórias Românticas* (1955) e *Contos Fluminenses II* (1955), da Jackson, *Contos Esquecidos*, *Contos Sem Data*, *Contos Recolhidos*, *Con-*

12. Latham e Robert Scholes, “The Rise of Periodical Studies”, *PMLA* 121, p. 519, 2006.

13. Franco Moretti, *Distant Reading*, London, Verso, 2013.

14. Ver *Romances e Contos em Hipertexto*: <machadodeassis.net> e <www.machadodeassis.ufsc.br/>. A edição eletrônica de Claudio Abramo, à qual Marta de Senna se refere várias vezes em <machadodeassis.net>, infelizmente não estava disponível para consulta no momento da escrita deste artigo.

tos *Avulsos* e *Contos Esparsos*, editados por Raimundo Magalhães Júnior¹⁵. A atribuição a Machado de Assis de vários contos publicados nessas cinco antologias organizadas por Magalhães Júnior não é corroborada por Galante de Sousa – que até hoje é a fonte mais autorizada no que toca a pseudônimos, datas e lugares de publicação das obras de Machado de Assis – tampouco pelos editores da *Obra Completa*, Marta de Senna, ou por vários pesquisadores que fizeram levantamentos dos contos publicados em periódicos específicos.

Dessa forma, embora Machado de Assis seja considerado um dos mais importantes autores brasileiros de todos os tempos e suas obras estejam entre as mais estudadas da literatura brasileira, ainda persiste considerável disparidade nos levantamentos, em boa parte porque não há consenso quanto à atribuição de alguns pseudônimos, também porque alguns contos foram encontrados recentemente, ou porque os pesquisadores fizeram levantamentos parciais ou usaram critérios diferentes. A edição de 2008 da Nova Aguilar reconhece como sendo de Machado de Assis 190 contos: 76 publicados nas sete antologias organizadas pelo próprio autor e 114 dispersos, reunidos nas seções “Contos Avulsos I” (volume II) e “Contos Avulsos II” (volume III). Esse levantamento coincide com o de Marta de Senna. O levantamento do Nupill, por sua vez, registra 206 contos de Machado de Assis. Outros somam um total de 218¹⁶. Os levantamentos da colaboração do autor com periódicos específicos também variam. De acordo com Gledson¹⁷, há setenta contos de Machado

no *Jornal das Famílias*, 37 em *A Estação* e 56 na *Gazeta de Notícias*. Silveira¹⁸, que considera como sendo de Machado textos de atribuição discutível, sustenta que o número total é 86 no *Jornal das Famílias*. De acordo com Crestani¹⁹, que também apresenta uma lista completa dos contos da *Gazeta de Notícias* e de *A Estação*, o autor publicou quarenta e 54 textos, respectivamente.

Para o presente levantamento, foi considerada publicação original o periódico no qual o conto apareceu pela primeira vez, já que, como dito acima, vários contos foram reproduzidos em diferentes periódicos antes e depois da morte do escritor. “Casa Velha” foi deixado de fora do presente levantamento, embora esteja entre os “Contos Avulsos” em *Romances e Contos em Hipertexto* e na *Obra Completa*. Em vista da sua extensão, muitos estudiosos, entre eles Lúcia Miguel Pereira²⁰ e Galante de Sousa²¹, o consideram uma novela. “Antes a Rocha Tarpeia”, publicado como conto por Magalhães Júnior em *Contos Esparsos*, é porém descrito como crônica por Galante de Sousa²². Foi assim deixado de fora deste levantamento. Também com base em Galante de Sousa, dois textos publicados com o mesmo título foram considerados contos diferentes: “Uma Visita de Alcibíades” (1876, 1882) e “Mariana” (1871, 1891)²³. Considerei contos cinco narrativas que não foram incluídas em *Romances e Contos em Hipertexto*, nem em “Contos Avulsos”, da

18. Daniela Magalhães da Silveira, *Fábrica de Contos: As Mulheres Diante do Cientificismo em Contos de Machado de Assis*, pp. 6, 37

19. Jaison Luís Crestani, *Machado de Assis e o Processo de Criação Literária*, pp. 406-409.

20. C.f. Machado de Assis, *Casa Velha*, org. por Lúcia Miguel Pereira, São Paulo, Martins, 1944.

21. José Galante de Sousa, *Bibliografia de Machado de Assis*.

22. *Idem*, p. 590.

23. *Idem*, pp. 455, 493.

15. Consultei as edições da Tecnoprint destas cinco antologias, todas publicadas sem data. A primeira edição foi pela Civilização Brasileira, em 1956.

16. Luis Filipe Ribeiro, “Machado de Assis e a Arte do Conto”, *op. cit.*, p. 10.

17. John Gledson, “Os Contos de Machado de Assis: o Machete e o Violoncelo”, *op. cit.*, p. 17.

Obra Completa. Quatro delas são parte da colaboração de Machado de Assis com o jornal diário *O Cruzeiro*, que inclui também o romance *Iaiá Garcia*, publicado entre 1º de janeiro e 2 de março de 1878 sob o nome de Machado de Assis, a série de crônicas *Notas Semanais* e onze textos publicados entre 19 de março e 28 de maio de 1878, sob o pseudônimo “Eleazar”²⁴. Estes onze textos são assim classificados por Galante de Sousa:

Fantásias

1. “O Bote de Rapé – Comédia em Sete Colunas”, 19 de março de 1878.
2. “A Sonâmbula – Ópera Cômica em Sete Colunas”, 26 de março de 1878.
3. “Um Cão de Lata ao Rabo”, 2 de abril de 1878.
4. “Filosofia de um Par de Botas”, 23 de abril de 1878.
5. “Elogio da Vaidade”, 28 de maio de 1878.

Conto

6. “O Califa de Platina (Conto Árabe)”, 9 de abril de 1878.
7. “Na Arca – Três Capítulos (Inéditos) do Gênesis”, 14 de maio de 1878.

Crítica

8. “Literatura Realista – O Primo Basílio, Romance do Sr. Eça de Queirós”, 16 de abril de 1878
9. “Literatura Realista”, 30 de abril de 1878.

Diálogo (Verso)

10. “Antes da Missa – Conversa de Duas Damas”, 7 de maio de 1878.

Vária

11. “O Caso Ferrari”, 21 de maio de 1878.

Granja e Gledson sustentam que os textos publicados em *O Cruzeiro*, sob o pseudônimo “Eleazar”, são o produto de uma experimentação formal mais radical e, por isso seriam inclassificáveis segundo gêneros literários. De acordo com os autores, “o que une todos esses textos, de uma ou outra forma, é a comédia, a paródia e a incerteza ou a contradição genéricas”²⁵. Entre os textos em prosa, “O Caso Ferrari” é possivelmente o mais difícil de classificar. Foi publicado como resenha teatral em *Novas Relíquias* (1932). Entretanto, podemos considerá-lo como crônica dado que sátira, ficção e referências diretas à cena cultural carioca da época, isto é, à temporada teatral de Angelo Ferrari no Rio em 1878, se mesclam no texto.

Considerarei contos os textos ficcionais em prosa, nos quais alegoria e fantasia predominam: as quatro fantásias em prosa – “Um Cão de Lata ao Rabo”, “O Califa de Platina”, “Filosofia de um Par de Botas” e “Elogio da Vaidade” –, além de “Na Arca”, que já tinha sido selecionada pelo autor para figurar em *Papéis Avulsos*. Três desses textos foram integrados à seção “Miscelânea” – e não a “Contos Avulsos” – da *Obra Completa*: “Um Cão de Lata ao Rabo”, “Filosofia de um Par de Botas” e “Elogio da Vaidade”. “O Califa de Platina” – e, acrescente-se, “O Caso Ferrari” – não aparecem em parte nenhuma da *Obra Completa* nem nos *Romances e Contos em Hipertexto*.

O quinto conto incluído neste levantamento é “Metafísica das Rosas”. Também não consta da *Obra Completa* nem dos *Romances e Contos em Hipertexto*. Os cinco contos estão na edição eletrônica do Nupill e nas seguintes antologias impressas:

²⁵. Cf. Machado de Assis, *Notas Semanais*, org. por John Gledson e Lúcia Granja, Campinas, Editora da Unicamp, 2008, pp. 16 e 21.

²⁴. *Idem*, pp. 229-230.

1. “Um Cão de Lata ao Rabo”:
Novas Relíquias (1932), pp. 9-16
Páginas Recolhidas (1937), pp. 171-182
2. “O Califa de Platina”:
Páginas Recolhidas (1937), pp. 237-247
3. “Filosofia de um Par de Botas”:
Novas Relíquias (1932), pp. 21-33
Páginas Recolhidas (1937), pp. 185-199
4. “Elogio da Vaidade”:
Páginas Recolhidas (1937), pp. 223-233
5. “Metafísica das Rosas”;
(Com o título “As Rosas”):
Outras Relíquias (1910), pp. 85-90

Embora existam levantamentos de todos os contos, como o de Ribeiro, até onde sei este é o primeiro a considerar apenas as obras de atribuição inquestionável. Como dito acima, os contos completos de Machado de Assis, de acordo com este levantamento, incluem 195 textos, dos quais 76 foram publicados pelo autor em antologias e 119 só em periódicos em vida, contra 190 (76 e 114, respectivamente) reunidos na *Obra Completa* e nos *Romances e Contos em Hipertexto*:

Contos Fluminenses: 7
Histórias da Meia-noite: 6
Papéis Avulsos: 12
Histórias sem Data: 18
Várias Histórias: 16
Páginas Recolhidas: 8
Relíquias da Casa Velha: 9
Contos Avulsos: 119

O Apêndice 1 apresenta o levantamento completo dos contos de Machado de Assis e o Apêndice 2 os contos de autoria questionável.

¶ Levantamento por tipo de periódico

A Tabela 1 apresenta a lista de periódicos e almanaques em que Machado de Assis publicou seus contos, seguidos do nome do editor e datas do início e fim da circulação. Estabelecer uma tipologia para os quatorze periódicos é uma tarefa difícil e intimidante, na medida em que, com exceção da periodicidade, apresentam diferenças na maioria dos outros aspectos: orientação editorial, modelo de negócio, local de edição, formato (incluindo fonte, espaçamento e número de colunas), frequência de publicação, conteúdo visual e textual (incluindo a proporção do conteúdo nacional relativamente ao importado), volume de anúncios e público-alvo.

O que Tania de Luca afirma sobre o final do século XIX é válido também para meados do século:

[...] o mundo dos jornais e revistas pluralizou-se, embalado pelo crescimento de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, polos econômicos do país, e pelas novas possibilidades descortinadas pelos avanços no processo de impressão²⁶.

Concentro-me a seguir na apresentação das características fundamentais das revistas com conteúdo de moda e jornais, nos quais 87% dos contos ou 170 textos no total foram publicados, por causa das limitações de espaço e porque o exame das similaridades e diferenças bibliográficas entre estes dois tipos de periódicos basta para a análise aqui proposta.

²⁶ Tania de Luca, “Tipologias de Revistas no Brasil das Primeiras Décadas do Século XX”, em Ana Amélia M. C. Melo e Irenísia Torres de Oliveira (orgs.), *Aproximações: Cultura e Política*, Fortaleza, Expressão Gráfica e Editora, 2013, p. 109.

TABELA 1: Periódicos e almanaques em que Machado de Assis originalmente publicou seus contos.

	TÍTULO	PERIODICIDADE	EDITOR	ANO
Revista com conteúdo de moda				
1	<i>A Marmota</i>	Duas vezes por semana	Paula Brito	1848-1864
2	<i>Jornal das Famílias</i> : Publicação Ilustrada, Recreativa, Artística, etc.	Mensal	B. L. Garnier	1863-1878
3	<i>A Estação</i> . Jornal Ilustrado para a Família	Quinzenal	H. Lombaerts	1879-1904
Jornal				
4	<i>O Cruzeiro</i>	Diário	Henrique Correa Moreira	1878-1883
5	<i>Gazeta de Notícias</i>	Diário	Henrique Chaves e Emanuel Carneiro (fundadores)	1875-1960 ²⁷
Revistas Literárias				
6	<i>O Futuro</i>	Quinzenal	Faustino Xavier de Novais	1862-1863
7	<i>Gazeta Literária</i>	Quinzenal	Teixeira Mello e Vale Cabral	1883-1884
Revista Semanal				
8	<i>A Semana</i>	Semanal	Valentim Magalhães e Max Fleiuss	1885-1895
Revista Científica e Literária				
9	<i>Revista Brasileira</i> (Terceira Fase)	Quinzenal até 1897, depois mensalmente	José Veríssimo	1895-1899
Sem Classificação				
10	<i>A Quinzena</i> , Vassouras	Quinzenal	Jorge Pinto e Alfredo Pujol	1886
11	<i>A Época</i>	Quinzenal	Joaquim Nabuco	1875
Almanaques				
12	<i>Almanaque das Fluminenses</i>	Anual	H. Lombaerts	??
13	<i>Almanaque da Gazeta de Notícias</i>	Anual	Henrique Chaves e Emanuel Carneiro (fundadores)	1880-?
14	<i>Almanaque Brasileiro Garnier</i>	Anual	Garnier (editores: Ramiz Galvão e João Ribeiro)	1903-1916

27. De acordo com Carlos Eduardo Leal, a *Gazeta de Notícias* ainda circulava na década de 1960, com tiragens baixas. *Gazeta de Notícias*, <fgv.br/cpdoc/acervos/dicionarios/verbete_tematico/gazeta-de-noticias>

LEITURAS

GRÁFICO 1: Contos por periódico, exceto aqueles atribuídos a Machado de Assis por Magalhães Júnior.

- Somente em livro (7)
- A Marmota (1)
- Jornal das Famílias (72)
- A Estação (38)
- O Cruzeiro (5)
- Gazeta de Notícias (54)
- O Futuro (1)
- Almanaque da Gazeta de Notícias (3)
- Almanaque Brasileiro Garnier (5)
- Almanaque das Fluminenses (1)
- A Semana (1)
- A Quinzena (1)
- Revista Brasileira (1)
- Gazeta Literária (3)
- A Época (2)

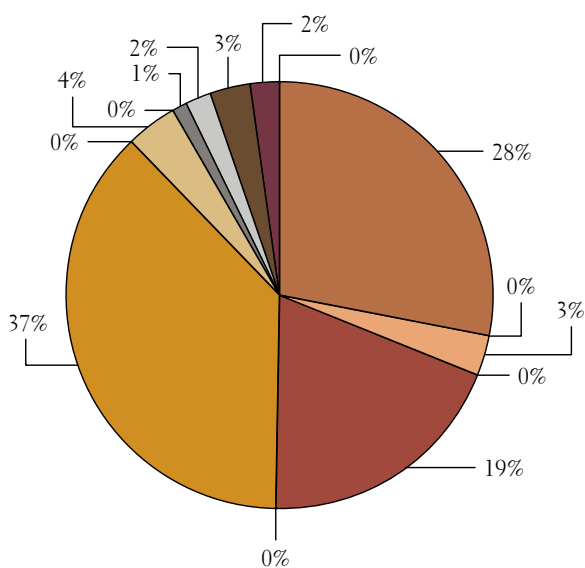
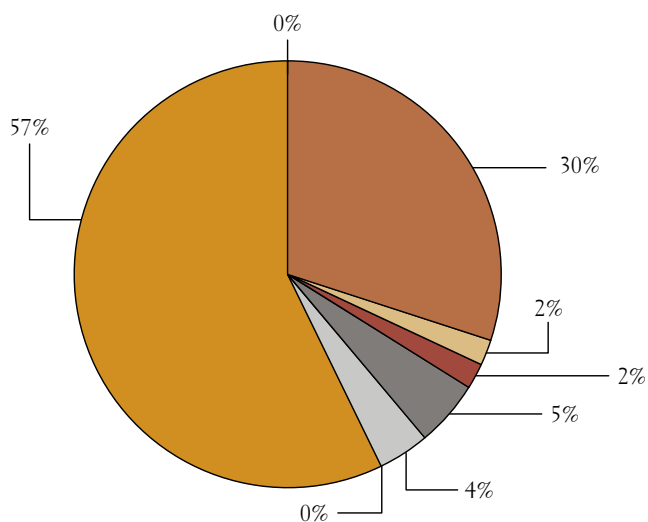


GRÁFICO 2: Contos por tipo de periódico exceto aqueles atribuídos a Machado de Assis por Magalhães Júnior.

- Revista com conteúdo de moda (111)
- Jornal diário (59)
- Revista literária (4)
- Revista semanal (1)
- Revista científica e literária (1)
- Sem classificação (3)
- Almanaque (9)
- Publicado somente em livro (7)



A grande maioria dos contos, totalizando 111 ou 57%, foi publicada em revistas com conteúdo de moda: *A Marmota* (1), *Jornal das Famílias* (72) e *A Estação* (38). A revista de moda era um “espaço feminizado”²⁸. Era publicada regularmente e toda (ou quase toda) edição vinha acompanhada de uma ilustração de moda. Continha uma coluna de moda, que com muita frequência vinha na primeira página. O conteúdo textual predominava sobre a imagem e abrangia uma variedade de textos de diferentes gêneros, incluindo o seriado literário, assim como anúncios²⁹. Uma revista de moda era, assim, um periódico com uma variedade de conteúdos, visuais e textuais, sendo a literatura seriada, a coluna de moda e a ilustração vitais para a sua sobrevivência. Ela tinha ou pelo menos pretendia ter uma forte veia comercial, dado que visava satisfazer uma demanda de mercado: fornecer material relativo à leitura e costura, duas atividades tradicionalmente associadas ao mundo doméstico e às mulheres³⁰.

A Marmota, na verdade, aspirava a ser uma revista de moda. Era um periódico de variedades e teve três fases com nomes ligeiramente diferentes: *A Marmota na Corte* (1849-52), *Marmota Fluminense* (1852-57) e *A Marmota* (1861-64). De acordo com Simionato, “comparada com a grande imprensa do período – constituída, basicamente, pelo *Diário do Rio de Janeiro* (1821), *Jornal do Commercio* (1827) e *Correio Mercantil* (1848) – a *Marmota* deve ser considerada um pequeno jornal, cuja principal característica talvez seja a pretensão de atuar diretamente

na formação cultural e moral do leitor”³¹. De acordo com Santos, sua primeira fase foi caracterizada pela coexistência de dois projetos antagônicos: de um lado, Paula Brito queria dar a ela uma tendência mais comercial, de outro, seu sócio, Próspero Diniz, parecia estar mais inclinado a uma folha de polêmica³². Na segunda fase, quando Paula Brito se tornou o único proprietário, houve um aumento na área impressa reservada para a ficção. Este melhoramento gráfico possibilitou a criação da seção “Folhetim”, onde o conto “Três Tesouros Perdidos” foi publicado. Na primeira fase, a presença da coluna de moda já era “uma importante garantia de sustento da gazeta”, mas por razões técnicas ela só publicou uma estampa de moda, na edição número 236³³. Na segunda fase, porém, a revista ganhou mais ilustrações e distribuiu estampas de moda como brindes promocionais para suas assinantes³⁴.

Mesmo publicando anúncios, as assinaturas eram a principal fonte de receita da revista. Como diz Simionato, a folha quase deixou de existir em 1857, o que levou o editor a publicar uma carta circular solicitando às leitoras que promovessem a revista entre amigas e pessoas confiáveis, de modo a ajudar a aumentar o número de assinantes (Carta Circular, 25 de março de 1857)³⁵. Foi graças ao patrocínio de um anônimo que a revista continuou a circular por mais alguns anos.

28. Margaret Beetham, *A Magazine of Her Own?: Domesticity and Desire in the Woman's Magazine, 1800–1914*, New York, Routledge, 1996, p. 3

29. Ana Cláudia Suriani da Silva, “The Genesis of the Brazilian Fashion Magazine and Fashion Editorial (1827–1851)”, *Film, Fashion and Consumption*, 2013, p. 275.

30. Margaret Beetham, *op. cit.*, p. 10.

31. Juliana Siani Simionato, *A Marmota e Seu Perfil Editorial: Contribuição Para Edição e Estudos dos Textos Machadianos Publicados Nesse Periódico (1855-1861)*, São Paulo, USP, 2009, p. 10. Dissertação de Mestrado.

32. Rinaldo Cavalcante dos Santos, *A Marmota na Corte: Recreação e Vereda Literária no Cenário Cultural do Século XIX (1849-1852)*, São Paulo, Unesp, 2009, p. 38. Dissertação de Mestrado.

33. *Idem*, *op. cit.*, p. 70.

34. Juliana Siani Simionato, *op. cit.*, p. 29.

35. *Apud* Juliana Siani Simionato, *op. cit.*, p. 17.

A chave para a sustentabilidade do *Jornal das Famílias* e *A Estação*, de longe as revistas de moda de editores estabelecidos no Rio de Janeiro mais bem-sucedidas do século XIX, foi seu foco claro na oferta de materiais de costura e leitura de boa qualidade para um público leitor feminino instruído, assim como a internacionalização do seu conteúdo: o investimento em ilustrações e moldes e em textos ficcionais e não ficcionais europeus publicados de maneira seriada, além de textos dos colaboradores locais, o que estimulava as leitoras a assinar a revista e a colecionar as edições, para poder acompanhar as narrativas seriadas e consultar os materiais textuais ou ilustrados de moda.

O *Jornal das Famílias*, que circulou de janeiro de 1863 a dezembro de 1878, resultou de uma reformulação estética do projeto editorial da *Revista Popular* (1859): de uma publicação quinzenal mais variada e destinada a ambos os sexos para uma revista mensal dirigida às mulheres com materiais de costura, leitura e forte tom moralizante. A exemplo da reformulação por que tinha passado *A Marmota*, da primeira para a segunda fase, de modo a se transfigurar numa revista para mulheres, o *Jornal das Famílias* eliminou seções como “Agricultura” e, em troca, os conteúdos de moda e literatura ganharam mais espaço. A decisão da Garnier de imprimir a revista em Paris foi por motivos tanto econômicos quanto estéticos, na medida em que barateou e melhorou a qualidade da impressão, sobretudo das ilustrações de moda, trabalhos de agulha e moldes, que vinham no corpo da revista ou em suplementos³⁶.

O conteúdo textual do *Jornal das Famílias* não era dividido em colunas. Como alguns periódicos do início do século XIX, tratava-se de uma publicação com formato seme-

lhante ao de um livro. Adotava o sistema de numeração contínua de páginas de uma edição para outra, para sugerir que todas estavam conectadas e formavam uma obra única. Cada edição era muito volumosa e parecia um fragmento de um livro ilustrado. Não possuía o formato leve e prático de *O Cruzeiro* e da *Gazeta de Notícias*. A seção “Romances e Novelas” ocupava sua parte central e tinha como principal colaborador Machado de Assis, que publicou 72 contos de junho de 1864 a dezembro de 1878. A revista dependia das assinaturas para sobreviver e, apesar do investimento em imagens, o espaço destinado aos textos era maior do que



Figura 1: Gravura de moda do *Jornal das Famílias*, junho de 1864. © Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Hemeroteca Digital Brasileira.

³⁶ Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil: Sua História*, São Paulo, Edusp, 1985, p. 129.

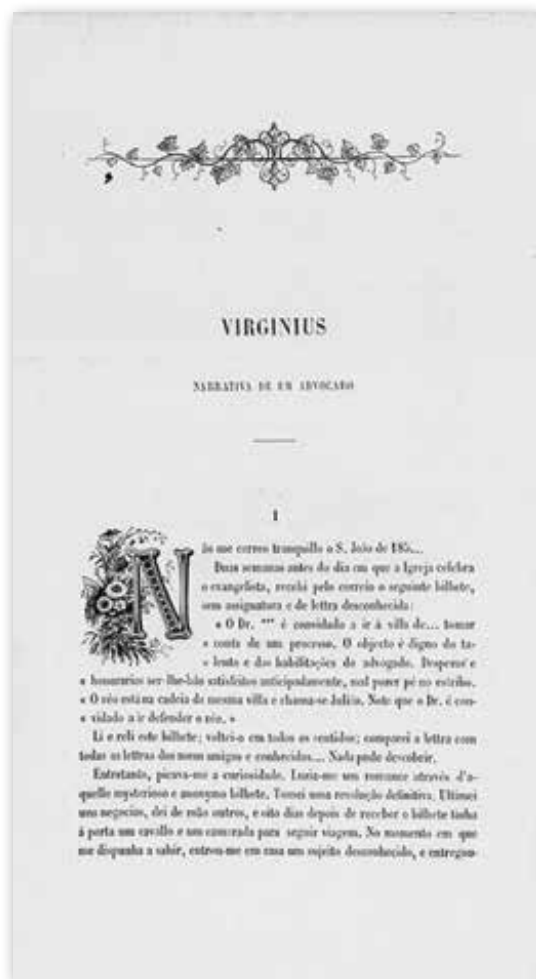


Figura 2: Primeiro fascículo de Virgínius, *Jornal das Famílias*, julho de 1864, p. 192. © Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Hemeroteca Digital Brasileira.



Figura 3: Fim do primeiro fascículo de Virgínius, com o “Continuar-se-á”, *Jornal das Famílias*, julho de 1864, p. 197. © Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Hemeroteca Digital Brasileira.

o das imagens, o que, como veremos adiante na comparação com a *Gazeta de Notícias*, teve consequências sobre a extensão dos textos de Machado.

Quando a revista da Garnier parou de circular, Lombaerts lançou a edição brasileira de *Die Modenwelt*, que logo tomaria a dianteira como a principal revista de moda em língua portuguesa publicada no Rio de Janeiro. De 1872 a 1878 o que circulou no Brasil foi a edição francesa de *Die Modenwelt*, *La Saison*. *A Estação* foi lançada como uma publicação quinzenal e circulou regularmente de 15 de janeiro de 1879 a 15 de fevereiro de 1904. Era impressa no Rio de Janeiro e composta do caderno de moda – que reproduzia as ilustrações de moda e

traduzia ou adaptava o conteúdo textual das edições francesas ou alemãs – e da “Parte Literária”, composta especialmente para a edição brasileira. Este suplemento continha mais ilustrações e textos de ficção e não ficção assinados por escritores brasileiros renomados ou hoje desconhecidos, além de traduções. Era dividido em três colunas,



N.º 20

31 de Outubro de 1881

X.º Anno

CORTE, um anno 125000

EDITORES PROPRIETÁRIOS
LOMBRERES & COMP.
Lithos, Esculpções e Chromos

PROVINCÍAS, um anno 115000

RUA DOS SERRINHAS, 7 — RIO DE JANEIRO

CRONICA DA MODA

Não basta queimar os dedos da moda a propósito que chamo de farrusilhado, indicar a forma a disposição dos vestidos, puzesões accessorios e accessorios farrusilhados em geral, e talvez, antes de tudo, as necessidades de todas as mulheres modernas, porque não ha, entre as moças modernas, pessoa alguma que possa occupar-se do apparelho de moda, que haja a disposição para a moda a ponto de terpal-a em todas as suas necessidades e fazer-se deito em tudo de moda. Não ha, portanto, a esta parte os verdadeiros bens do apparelho e do costume, e todos decaem a certos pontos, indigentes de consideração, o mais posto de accessorios a moda mas com suas tendências ecapriciosas.

Na boa sociedade, nunca se admittem certos costumes, e seguem a moda quando já o uso e, ainda assim, multiplica-se a simplicidade, que sempre ha parte integrante da elegancia. Há, finalmente, grande numero de mulheres inteligentes e sensatas que consideram a situação de mundo, os sentimentos da família, e não se deixam enganar pela moda, a qual, que nem as mesmas farrusilhas não se deram uma estadia infirma, mas, ainda depois, acham mais de fructificação de um modo moderado, para apresentar a família, não por isso terem tido algum das tendências de moda.

Ha, então, não uma questão que, talvez mais do que a moda, preceda as mulheres modernas, e a questão das criadas. Tanto não se cessa em que não ha motivo de queixa a este respeito.

« Tel mestre, tel valet » diz um proverbio francez, e a'inda ha uma profunda observação dos homens de suas inclinações; para reformar os criados é necessario primeiro reformar os senhores.

Numa casa honesta, respeitavel, não se deveria ter, infelizmente, um pouco de mais de criados com vestidos de paiz, e o melhor descaido, etc. Devemos estabelecer algumas regras novas e fortes, mas de forma simples, e mais confortavel, simplificada e irreprochavel, limpa e digna dos distinctivos dos criados de uma boa casa. Um erro consideravel, committido por muitas senhoras, e dar vestidos todos os criados. A mesma vestida na toilette de sua ama não se pode a trazer como ella, e quer chapéo, botinas de alta e tudo o que havia. O vestido usado já não é da moda, e de-

pois de leve ha breder novas imaginações, mais convenientes, novas; e se tem a talde servir para sobre os vestidos de paiz.

A vaidade e a modica leveza muitas vezes a ter mais

faça, todo quando a moda se o tempo não fallar. Condições entre os farrusilhados de estragada aliada que dependem quasi totalmente, e alguns de todos, a serviço dos criados. Os filhos e as filhas apudam a mais nos detalhes de interior, e todo se acha feito com proeza, perfeição, limpeza e romantismo.

Além disso é necessario lembrar para não os homens criados não feita de forma e utilidade, e se o tempo prohibir a familiaridade; devemos ensinar a manter os homens filhos. O inferior a quem se espera não respeito, não ha em farrusilhado também se respeito devido.

O dono nunca deve ordenar com formulas imperativas, e nunca humilhar o farrusilhado ou o obsequio.

Deve ser a os caprichos das moças ou das amas irritar os farrusilhados dos criados, e dáta moço o odio d'elles para todos os dias.

O excesso de feitura, a dissipação, o jogo, o espirito gualar e gualar em todos os dias, desde a mais baixa até a mais alta, e perverto tanto os dias como os criados. Se a dona de casa serena o marido exige os costumes no Lyrio, vestidos novos para ella e para o marido, excessos de jóias, etc., porque pensam a sustenta fazer mal dispendido e que não é de'ella? Quando um farrusilhado recebe presentes dos fornecedores do Estado, porque não cobriria a responsabilidade parentagem do varrueiro e do vendedor? Quando a senhora de casa abandona seus deveres de mãe de família para ir passar a rua do Ouvidor, ou nos lugares de prazer, porque não se desmendaria a criação dos deveres de sua criação?

Em resumo, para reformar os moços criados é urgente reformar-nos a nós proprios.

E depois, não ter numero de criados além do que se pode pagar e alimentar, não se mostrar servico nos costumes das pessoas de serviço, além de ter d'ellas maior numero, por mais utilidade, como frequentemente acontece; dar-se o trabalho de moralistas, occupar-se d'ellas um pouco, lembrar-se que tem almas e corações.

Quando não ha o numero de criados a uma casa, maior também será a desordem; não mais disciplina e activa vigilancia da dona da casa são de todo preferíveis e vantajosos.



1. Costureira com farrusilhado e paiz. 2 e 3. Toiletes modernas. 4 e 5. Toiletes modernas com sala e criada e corpinho de abas. Vista o modelo de moda, etc.

Modelos das officinas de "Boulevard", Largo de S. Francisco de Paula n.º 6, Rio de Janeiro.

numero de criados do que o realmente necessario. Devemos procurar todos os meios de ter o menor numero possivel de pessoas para o mesmo serviço; por isso, é indispensavel ensinar-se a fazer por si proprio tudo o que se pode

Figura 4: Primeira página do caderno de moda de A Estação, 31 de outubro de 1881. © Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Hemeroteca Digital Brasileira.



Figura 6: “Parte Literária” de A Estação, contendo os capítulos 2 e 3 de “O Alienista”, com “Continua”, 31 de outubro de 1881, página 242 © Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Hemeroteca Digital Brasileira

Figura 5: “Parte Literária” de A Estação, contendo os capítulos 2 e 3 de “O Alienista”, de outubro de 1881, página 241 © Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Hemeroteca Digital Brasileira



tinha seções relativamente regulares e, como o *Jornal das Famílias*, adotava o sistema de numeração contínua de página de uma edição para outra. Os contos de Machado de Assis foram publicados neste suplemento literário de 1879 a 1898³⁷.

Se, de um lado, imprimir no Rio de Janeiro representou perda de qualidade de imagens, de papel e de toda a composição tipográfica da revista, de outro, na comparação com o *Jornal das Famílias*, permitiu que *A Estação* seguisse de muito perto a vida cultural e política do Rio de Janeiro, especialmente através das colunas “Teatro” e “Croniqueta” de Artur Azevedo. Isso certamente atraiu um público mais diversificado, se comparado ao da *Marmota* e do *Jornal das Famílias*, e ao mesmo tempo atendia aos interesses das mulheres da *Belle Époque* pela vida cultural e política no país e no mundo.

Apesar de esses periódicos possuírem modelos de negócio muito diferentes, um traço comum eram as assinaturas como a principal fonte de receita, além da publicação sistemática de literatura seriada e de material de moda visual e textual. Como Paula Brito, os editores de *A Estação* tentavam estimular suas leitoras a renovar as assinaturas e atrair novas assinantes, oferecendo-lhes brindes promocionais e enfatizando melhoramentos no conteúdo da revista. Em nota de 31 de dezembro de 1879, os editores de *A Estação* anunciaram melhoramentos na “Parte Literária”:

[...] a nossa parte literária vai ser ampliada e sofrer diversos melhoramentos que o tornará um

37. Ana Cláudia Suriani da Silva, “From Germany to Brazil: The History of the Fashion Magazine *A Estação*, an International Enterprise”, em Robert Fraser e Mary Hammond (orgs.), *Books Without Borders. The Cross-National Dimension in Print Culture*, London, Palgrave Macmillan, 2008, pp. 67-88, e Machado de Assis’ *Philosopher or Dog: from Serial to Book Form*, Oxford, Legenda, 2010.

verdadeiro jornal literário e ilustrado, reunido ao outro, tratando exclusivamente de modas, porém podendo ser colecionado e encadernado à parte”.

Noutra nota, intitulada “Jornais Empréstados”, os editores se queixam de que as assinantes tinham o hábito de emprestar exemplares da revista, ocasionando perdas nas vendas:

[...] não há talvez país nenhum no mundo em que se emprestem livros e jornais com tamanha profusão do que entre nós. O tendeiro que assina o *Jornal do Comércio*, não julgue a leitora que o faça para recreio seu, mas sim para o emprestar a vinte ou trinta famílias que o reclamam vinte ou trinta mil vezes na roda do dia. Com *A Estação*, particularmente, pode-se dizer que cada assinante representa, termo médio, dez leitores, o que nos dá uma circulação de cem mil leitores, quando, aliás, nossa tiragem é apenas de dez mil assinantes. [...] Queiram portanto V.V. Exmas. minhas senhoras (e dizendo isto no próprio proveito de V.V. Exma.) nunca mais emprestar *A Estação* a parentes, amigas, conhecidas e vizinhas³⁸.

Podemos concluir dessas duas notas que não apenas as assinaturas eram a principal fonte de receita da revista, mas também que seus editores estimulavam as leitoras a colecionar os números. Como veremos em mais detalhes adiante, isso condicionava os contos ao modo seriado de publicação da ficção por aumentar a extensão dos textos e sua difusão em partes.

Os contos publicados nos jornais diários *O Cruzeiro* e *Gazeta de Notícias* vêm em segundo lugar, totalizando 59 títulos: cinco e 54 títulos, respectivamente. A contribuição de Machado de Assis com *O Cruzeiro* está limitada ao primeiro ano de circulação

38. *A Estação*, 15 de março de 1882, disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/estacao/709816>>.

do jornal. Este foi lançado em 1º de janeiro de 1878, sob a direção de Henrique Correa Moreira. O editorial de abertura proclamava que se tratava de uma folha neutra e imparcial, comprometida com a reforma política e social do país e com a promoção da literatura nacional, por intermédio da publicação de obras dos mais destacados escritores brasileiros e estrangeiros. Machado de Assis inaugurou a seção “Folhetim” com a publicação seriada do romance *Iaiá Garcia*. Ao contrário de *Iaiá Garcia* e da grande maioria dos contos de *A Estação* e do *Jornal das Famílias*, a ficção curta publicada nos jornais diários não era dividida em fascículos. De fato, o conto seriado é, como veremos adiante, exclusivo da colaboração de Machado com as revistas de moda *A Estação* e *Jornal das Famílias*.

De acordo com Crestani, o sucesso imediato do jornal não se sustentou por muito tempo:

Em consequência das inúmeras dissidências travadas com outros importantes órgãos da imprensa do período, *O Cruzeiro* perderia, quase tão rapidamente quanto conquistara, o prestígio e a amplitude do alcance de sua publicação, deixando de circular em 19 de maio de 1883³⁹.

Talvez tenha sido por isso que a contribuição de Machado de Assis cessou no segundo ano de circulação do jornal. Machado migrou para a *Gazeta de Notícias*, publicando seu primeiro conto, “Teoria do Medalhão”, em 18 de dezembro de 1881. Além da periodicidade diária, um saliente traço formal e comercial une *O Cruzeiro* e *A Gazeta de Notícias*: a presença ostensiva de anúncios brasileiros. *O Cruzeiro* tinha em média oito páginas, sendo metade ocupada pela publicidade. Essa proporção aumenta na *Gazeta*

de Notícias, cujo número de páginas variava de quatro a oito de acordo com o número de anúncios. O exame de 48 das 54 edições contendo contos de Machado de Assis evidenciou que as edições de sexta-feira e domingo tinham o maior número de páginas. Nestas, a porcentagem de publicidade ficou acima de 70% se consideramos as seções “Anúncios” e “A Pedidos” da segunda página.

No balanço que Marc Leclerc faz da imprensa brasileira na virada do século, a grande penetração da publicidade não passa despercebida:

A imprensa no Brasil é um reflexo fiel do estado social nascido do governo paterno e anárquico de D. Pedro II: por um lado, alguns grandes jornais muito prósperos, providos de uma organização material poderosa e aperfeiçoada, vivendo principalmente de publicidade, organizados em suma e antes de tudo como uma empresa comercial e visando mais penetrar em todos os meios e estender o círculo de seus leitores para aumentar o valor de sua publicidade do que empregar sua influência na orientação da opinião pública. Tais jornais ostentam uma certa independência, um certo ceticismo zombeteiro, à maneira do nosso *Figaro*, ou se mostram imparciais até a impassibilidade. Em torno deles, a multidão multicolor de jornais de partidos que, longe de ser bons negócios, vivem de subvenções desses partidos, de um grupo ou de um político e só são lidos se o homem que os apoia está em evidência ou é temível. Nos jornais mais lidos, os anúncios invadem até a primeira página: transbordam de todos os lados, o espaço deixado à redação é muito restrito e, nesse campo já diminuto, se esparramam diminutas notícias pessoais, disques e fatos insignificantes; o acontecimento importante não é, em geral, convenientemente destacado, porque ao jornalista como ao povo, como ao ex-imperador, falta uma concepção nítida do valor relativo dos homens e das coisas; carecem eles de um critério, de um método.

39. Jaison Luís Crestani, “*O Cruzeiro* e a Polêmica Incurião do Realismo no Brasil”, *Miscelânea*, vol. 18, 2015, p. 195.

A imprensa em conjunto não procura orientar a opinião por um caminho bom ou mau; ela não é um guia, nem compreende sua função educativa; ela abandona o povo à sua ignorância e à sua apatia. Os dois maiores jornais brasileiros, o *Jornal do Comércio* e a *Gazeta de Notícias*, realizam excelentes negócios; têm tantos anúncios que, não lhes bastando a terceira e quarta páginas, dedicam-lhes um suplemento⁴⁰.

A proporção da publicidade relativamente ao texto pode ter sido até maior se considerarmos os suplementos de anúncios mencionados por Leclerc. Esses suplementos infelizmente não estão acessíveis para consulta porque não foram arquivados e muito menos digitalizados, apesar de serem parte vital do jornal, por sustentá-lo financeiramente.

Em primeiro lugar, a publicidade era um elemento crucial da *Gazeta de Notícias* por razões econômicas. De *O Cruzeiro* para a *Gazeta de Notícias* testemunhamos uma transição dos periódicos diários sustentados pela circulação ou patrocínio para aqueles sustentados por anúncios. A publicidade libertava o jornal do modelo de assinaturas e permitia a venda de números avulsos a baixo preço, um modelo de negócio muito similar àquele do *New York Herald* de James Gordon Bennet, entre 1835 e 1867. A *Gazeta de Notícias* na verdade não aboliu totalmente as assinaturas, tornou-as antes mais flexíveis, como informava o frontispício: “As assinaturas começam em qualquer dia e terminam em fins de março, junho, setembro ou dezembro. Pagamento adiantado para assinatura” (*Gazeta de Notícias*, 18 de dezembro de 1881). O preço do número avulso em que Machado de Assis pela primeira vez contribuiu com um conto era quarenta réis, bem

40. Max Leclerc, *Cartas do Brasil*, trad. Sérgio Millet, São Paulo, Editora Nacional, 1942, *apud* Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Mauad, 1998, pp. 252-253.

mais baixo que o do *Jornal do Comércio*, que era vendido por cem réis. O preço do número avulso da *Gazeta de Notícias* alcançaria os cem réis só em 1895.

Em segundo lugar, a publicidade era fundamental para a *Gazeta de Notícias* manter sua agenda política independente. Nesse aspecto era muito semelhante a *O Cruzeiro* em seu primeiro ano de circulação. De acordo com Gledson⁴¹, Lima⁴² e Crestani⁴³, a *Gazeta de Notícias* diferia dos jornais da época por ser barata, popular e liberal. Segundo John Gledson:

[...] em 1888, era um dos três jornais mais importantes do Rio, juntamente com o *Jornal do Comércio*, um órgão de informação mais caro, mais detalhado e mais conservador, o decano da imprensa do Rio, e com *O País*, que, com uma tiragem de 26 mil exemplares, proclamava ser o jornal de maior tiragem da América do Sul. *O País* era republicano; a *Gazeta*, com uma tiragem não muito menor (de 24 mil exemplares, como anunciava no cabeçalho), era menos engajada politicamente⁴⁴.

De acordo com Lima⁴⁵ e Crestani⁴⁶, a *Gazeta de Notícias* demonstrava uma clara abertura ideológica. Repudiava posições sectárias e moralistas e estava comprometida com as propostas do movimento republicano, com a causa abolicionista e os ideais de progresso, modernidade e civilização. Tratava-se, portanto, como também destaca Leal, de um

41. John Gledson, *Por um Novo Machado de Assis*, São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

42. Mariana da Silva Lima, “Entre Debates e Picuinhas: a *Gazeta de Notícias* e a Imprensa Brasileira na Virada do Século XIX”, *Miscelânea*, vol. 8, pp. 10-27, 2010.

43. Jaison Luís Crestani, *Machado de Assis e o Processo de Criação Literária*, 2014.

44. John Gledson, *op. cit.*, p. 135.

45. Mariana da Silva Lima, *op. cit.*

46. Jaison Luís Crestani, *Machado de Assis e o Processo de Criação Literária*, 2014.

importante veículo da luta pela abolição da escravatura e instauração do regime republicano. Porém, de acordo com Leal,

[...] com o início da Primeira República, a *Gazeta de Notícias* passou a se identificar plenamente com a situação, funcionando nos primeiros tempos como órgão antimonarquista e depois como defensora das elites agrárias. Assim, já em 1891, defendendo o governo provisório de Deodoro da Fonseca, o jornal foi favorável a Rui Barbosa e à sua política do “encilhamento”. Pouco depois, identificou-se com a política autoritária de Floriano Peixoto, opondo-se à Revolução Federalista, na qual entrevia interesses da monarquia deposta⁴⁷.

Em terceiro lugar, as seções “Anúncios” e “A Pedido”, como nota Leclerc, divulgavam notícias pessoais, fofocas e trivialidades, o que mostra que os editores entendiam o valor de entretenimento dos anúncios pessoais. Eles certamente deliciavam leitores que ainda não estavam saturados pelo bombardeio midiático.

Finalmente, a compreensível ênfase acadêmica no exame da inclinação editorial dos periódicos e de textos como obras autônomas – isoladas dos anúncios, moldes e brindes promocionais, como ilustrações de moda e partituras – distorceu nossa visão das conexões estéticas e comerciais entre a parte textual e as demais partes dos periódicos. Literatura popular e alta literatura, arte, política, os anúncios sensacionalistas e a seção comercial se misturavam na *Gazeta de Notícias*. Tratava-se, como muito bem descreveu Lima, de um periódico ao mesmo tempo popular e elitista. Acredito, não obstante, que a publicidade teve um papel muito importante na moldagem do periódico; e tal papel foi antes

de tudo bibliográfico: a publicidade levou à condensação espacial da parte textual do jornal, o que afetou a plasticidade de todas as seções, do “Folhetim” até a “Parte Comercial”. A publicidade afetou a configuração e o conteúdo do jornal como um todo, pois ganhou mais espaço em detrimento do texto (Figuras 9 a 12).

É necessário, portanto, considerar a arquitetura do jornal como um todo, incluindo os suplementos de anúncios comerciais, ao examinar os meios de publicação literária. Entre as revistas em que Machado de Assis publicou seus contos, a *Gazeta de Notícias* é a primeira em que o texto claramente não é predominante. Os editores tinham que acomodar em pouco mais do que duas páginas uma variedade de textos, de notícias do dia ao material literário. Crestani oferece-nos uma descrição precisa da parte textual do jornal:

O texto, comprimido pelo amplo número de colunas, era apresentado em tipos pequenos e entrelinhas simples. A diagramação caracterizava-se por uma expressiva simplicidade, carecendo de ornamentos gráficos, tais como ilustrações, vinhetas, arabescos, destaques gráficos, entre outros recursos decorativos comumente empregados para *emoldurar* as matérias publicadas. Na maioria dos casos, as matérias eram justapostas umas às outras separadas simplesmente por um pequeno traço, com chamadas genéricas ou sem mesmo a indicação de títulos que permitisse identificar o assunto abordado. Não se percebia também uma utilização expressiva de destaques gráficos para a diferenciação entre trivialidades do cotidiano e notícias de alta relevância político-social⁴⁸.

De acordo com Clara Miguel Asperti, apenas em 1904 o jornal ganharia um formato mais sofisticado, com fotos, ilustrações e cai-

47. Carlos Eduardo Leal, *Gazeta de Notícias*, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/gazeta-de-noticias>>. Acesso em 10.12.17.

48. Jaison Luís Crestani, *Machado de Assis e o Processo de Criação Literária*, 2014, p. 85.

xa-alta para realçar as manchetes⁴⁹. A escassez de recursos gráficos ornamentais e estruturais até pelo menos 1895, como pude verificar, muito provavelmente se devia ao alto valor do espaço na página. Era necessário agrupar porções de texto dirigidas a um público amplo, de modo a acomodar mais publicidade, sem aumentar o número de páginas. As duas seções que ganharam uma certa proeminência em virtude da linha dupla horizontal separando o *bas-de-page* do *haut-de-page* foram o “Folhetim” (Figuras 7, 8, 11) e a “Parte Comercial” (Figura 10), esta última claramente dirigida a comerciantes. No entanto, mesmo o *bas-de-page* poderia perder, se necessário, uma ou duas colunas para os textos do *haut-de-page*, conforme mostram as Figuras 7 e 11.

Os primeiros sete contos de Machado de Assis, isto é, de “Teoria do Medalhão” a “Verba Testamentária”, foram publicados na seção “Folhetim” (Figura 7). De “A Igreja do Diabo” em diante seus textos migraram para o *haut-de-page* (Figuras 8 e 9), estendendo-se por duas ou três colunas na primeira e na segunda páginas. Não foi possível consultar os cinco contos publicados no Suplemento Literário, nem “O Que É Mundo”, porque os números não constam na Hemeroteca Digital Brasileira. É bem possível que a disposição dos textos no Suplemento Literário fosse bem diferente daquela da parte principal do jornal.

A posição bibliográfica dos contos de Machado de Assis na *Gazeta de Notícias* é em si altamente significativa e sintomática da função que seus textos gradualmente adquiriram. Dos 54 textos, 49 figuraram na parte principal do jornal. De “A Igreja do Diabo” em diante, eles foram transferidos do “Folhetim”, isto é, do espaço tradicionalmente

vinculado ao entretenimento, para o *haut-de-page*, tradicionalmente reservado à informação: 41 dos 54 textos foram publicados no *haut-de-page*. O que ocorre é a eliminação da fronteira entre o espaço literário e o jornalístico, e isso é válido nas duas direções: a “Parte Comercial” vai para o *bas-de-page* (Figura 10) e os textos de Machado de Assis para o *haut-de-page*, sem qualquer indicação de que se trata de ficção. A função autor⁵⁰, isto é, o nome de Machado de Assis impresso ao fim de cada conto, era o único indicador de que se tratava de discurso literário, dado que a seção não tinha cabeçalho e os títulos dos contos nunca se repetiam. Os textos não eram publicados sob um título, como as séries de crônicas, gênero considerado muito mais próximo do discurso jornalístico e da informação do que o conto.

Em segundo lugar, a ficção curta de Machado se distancia do modo de publicação seriada, com o qual o “Folhetim” era tradicionalmente associado, embora o *bas-de-page* também abrigasse textos publicados na íntegra. Os contos de Machado de Assis, de algum modo, se tornaram um brinde para quem comprasse números avulsos, pois satisfaziam o desejo de ler um texto ficcional de cabo a rabo sem ter de se comprometer com uma assinatura ou mesmo com a aquisição de alguns números consecutivos. Ao contrário do que afirma Crestani, seus contos não tinham dia fixo da semana para aparecer. Os seis primeiros contos de fato foram publicados no domingo, o que sugere uma tentativa de reservá-los para um dia específico da semana. Porém, tal regra não se manteve durante todo o período da colaboração de Machado com a *Gazeta de Notícias* (Figura 8).

49. Clara Miguel Aspeti, *Bilac e a Reurbanização do Rio de Janeiro: Estudo da Crônica Dominical da Gazeta de Notícias (1897-1908)*, São Paulo, Unesp, 2007. Dissertação de Mestrado.

50. Michel Foucault, “What Is an Author”, em *Aesthetics, Method, and Epistemology. Essential Works of Foucault (1954-1984)*, vol. 2, org. por James D. Faubion, trad. Josué V. Harari, New York, New Press, 1998, pp. 205-222.

Tiragem 24.000 exemplares

Director: ...
Redactor: ...
Administrador: ...

REPUBLICA REPUBLICANA

Republica Republicana
A Republica Republicana
A Republica Republicana

REPUBLICA REPUBLICANA

Republica Republicana
A Republica Republicana
A Republica Republicana

REPUBLICA REPUBLICANA

Republica Republicana
A Republica Republicana
A Republica Republicana

REPUBLICA REPUBLICANA

Republica Republicana
A Republica Republicana
A Republica Republicana

REPUBLICA REPUBLICANA

Republica Republicana
A Republica Republicana
A Republica Republicana

REPUBLICA REPUBLICANA

Republica Republicana
A Republica Republicana
A Republica Republicana

REPUBLICA REPUBLICANA

Republica Republicana
A Republica Republicana
A Republica Republicana

REPUBLICA REPUBLICANA

Republica Republicana
A Republica Republicana
A Republica Republicana

REPUBLICA REPUBLICANA

Republica Republicana
A Republica Republicana
A Republica Republicana

REPUBLICA REPUBLICANA

Republica Republicana
A Republica Republicana
A Republica Republicana

REPUBLICA REPUBLICANA

Republica Republicana
A Republica Republicana
A Republica Republicana

REPUBLICA REPUBLICANA

Republica Republicana
A Republica Republicana
A Republica Republicana

FOLHETIM

TEORIA DO MEDALHÃO

Teoria do Medalhão
A Teoria do Medalhão
A Teoria do Medalhão

FOLHETIM

TEORIA DO MEDALHÃO

Teoria do Medalhão
A Teoria do Medalhão
A Teoria do Medalhão

FOLHETIM

TEORIA DO MEDALHÃO

Teoria do Medalhão
A Teoria do Medalhão
A Teoria do Medalhão

FOLHETIM

TEORIA DO MEDALHÃO

Teoria do Medalhão
A Teoria do Medalhão
A Teoria do Medalhão

FOLHETIM

TEORIA DO MEDALHÃO

Teoria do Medalhão
A Teoria do Medalhão
A Teoria do Medalhão

Figura 7: "Teoria do Medalhão" publicada na seção "Folhetim", Gazeta de Notícias, domingo, 18 de dezembro de 1881, p. 1. © Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Hemeroteca Digital Brasileira.

GAZETA DE NOTICIAS

Publicada diariamente, exceto nos dias de festa e feriados, e impressa nos moldes seguintes: em 4 colunas, no formato de 28 centímetros de largura por 42 centímetros de altura, com 12 linhas por linha e 12 caracteres por letra.

LEGRAMMAS

LEGRAMMA
Luzes, 12 de maio.
Orações e missas em homenagem ao Imperador e a Imperatriz, celebradas no templo de São Francisco de Assis, no Rio de Janeiro, em 12 de maio de 1884.

PARLAMENTAR

PARLAMENTAR
Sessão de 12 de maio.
O Congresso Nacional reuniu-se em sessão pública no Palácio Nacional, em 12 de maio de 1884.

PARLAMENTAR

PARLAMENTAR
Sessão de 12 de maio.
Continuação da sessão do Congresso Nacional em 12 de maio de 1884.

PARLAMENTAR

PARLAMENTAR
Sessão de 12 de maio.
Continuação da sessão do Congresso Nacional em 12 de maio de 1884.

FOLHETIM

MARGOT

FOLHETIM
MARGOT
Capítulo 10.
A senhora de Galvão, ao sair de casa, encontrou uma carta que lhe pertencia a uma amiga.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

NOTAS MARGEM

NOTAS MARGEM
Notas e comentários sobre os acontecimentos da semana.

A SENHORA DE GALVÃO

A SENHORA DE GALVÃO
Capítulo 11.
A senhora de Galvão recebeu uma visita inesperada.

A SENHORA DE GALVÃO

A SENHORA DE GALVÃO
Capítulo 12.
A senhora de Galvão refletiu sobre os acontecimentos recentes.

A SENHORA DE GALVÃO

A SENHORA DE GALVÃO
Capítulo 13.
A senhora de Galvão decidiu tomar uma decisão importante.

A SENHORA DE GALVÃO

A SENHORA DE GALVÃO
Capítulo 14.
A senhora de Galvão encontrou uma carta misteriosa.

A SENHORA DE GALVÃO

A SENHORA DE GALVÃO
Capítulo 15.
A senhora de Galvão recebeu uma notícia surpreendente.

A SENHORA DE GALVÃO

A SENHORA DE GALVÃO
Capítulo 16.
A senhora de Galvão decidiu mudar de casa.

A SENHORA DE GALVÃO

A SENHORA DE GALVÃO
Capítulo 17.
A senhora de Galvão recebeu uma visita inesperada.

A SENHORA DE GALVÃO

A SENHORA DE GALVÃO
Capítulo 18.
A senhora de Galvão refletiu sobre os acontecimentos recentes.

A SENHORA DE GALVÃO

A SENHORA DE GALVÃO
Capítulo 19.
A senhora de Galvão decidiu tomar uma decisão importante.

A SENHORA DE GALVÃO

A SENHORA DE GALVÃO
Capítulo 20.
A senhora de Galvão encontrou uma carta misteriosa.

A SENHORA DE GALVÃO

A SENHORA DE GALVÃO
Capítulo 21.
A senhora de Galvão recebeu uma notícia surpreendente.

A SENHORA DE GALVÃO

A SENHORA DE GALVÃO
Capítulo 22.
A senhora de Galvão decidiu mudar de casa.

Figura 8: "A Senhora de Galvão", no haut-de-page e a seção "Folhetim" com menos quatro colunas para dar espaço para outros textos do haut-de-page, Gazeta de Notícias, quarta-feira, 14 de maio de 1884, p. 1. © Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Hemeroteca Digital Brasileira.

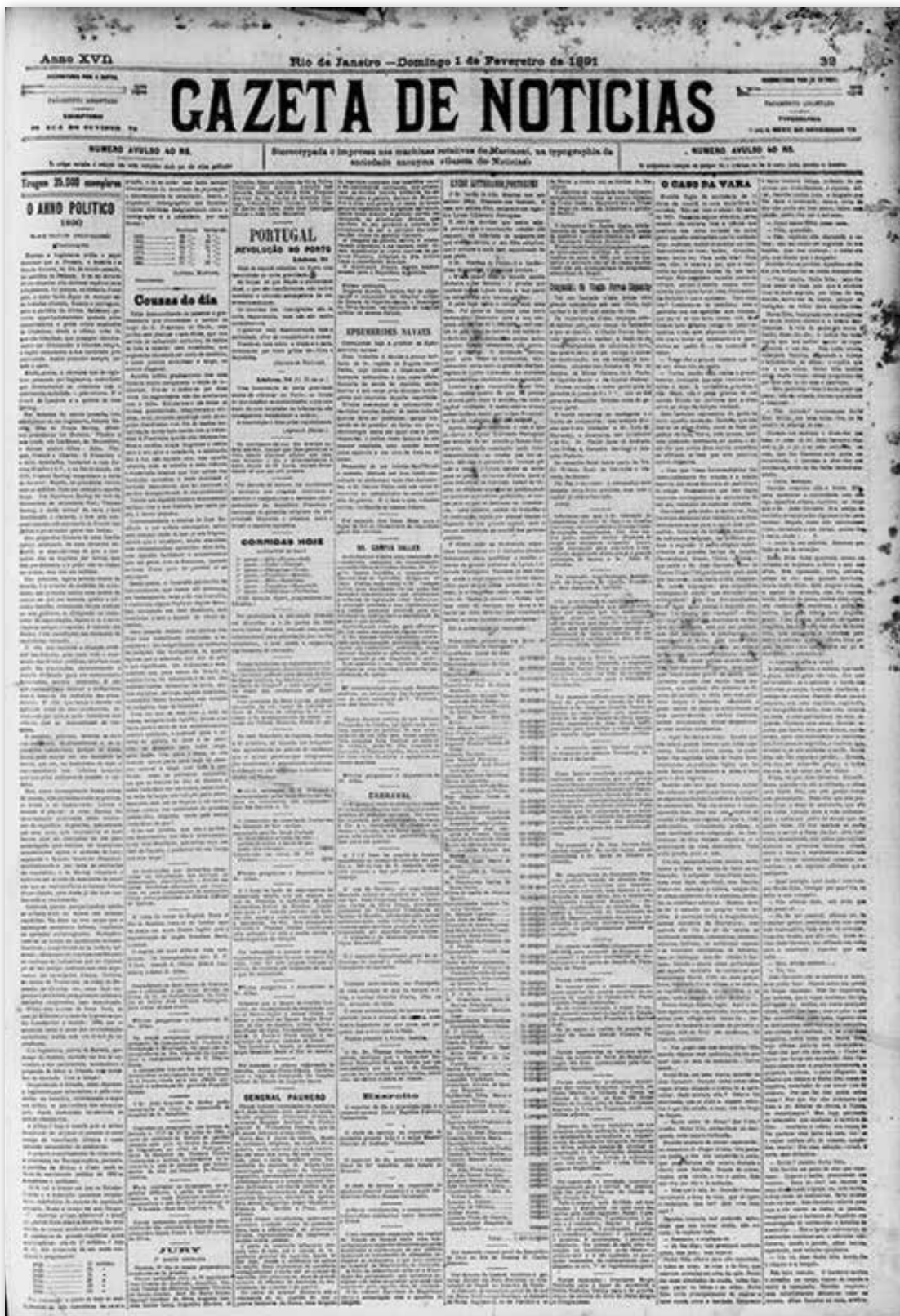


Figura 9: "O Caso da Vara", Gazeta de Notícias, domingo, 1ª de fevereiro de 1891, p. 1.

© Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Hemeroteca Digital Brasileira.

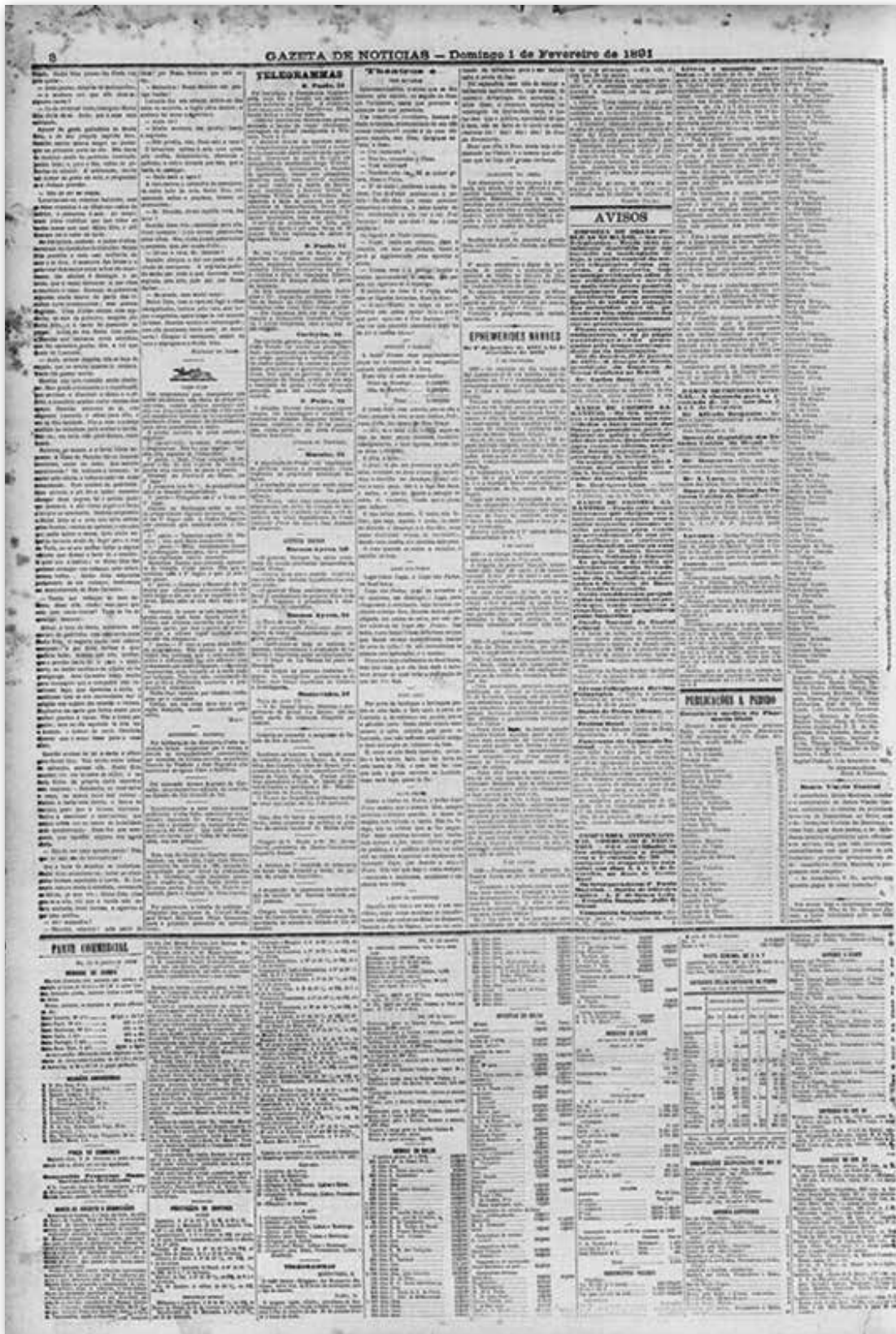


Figura 10: "Parte Comercial" no bas-de-page, Gazeta de Notícias, domingo, 1º de fevereiro de 1891, p.2.
 © Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Hemeroteca Digital Brasileira.



Figura 11: Seção “Folhetim” com algumas colunas a menos para dar lugar a anúncios, Gazeta de Notícias, 1ª de fevereiro de 1891, p. 3.

© Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Hemeroteca Digital Brasileira

GAZETA DE NOTÍCIAS — Domingo 1 de Fevereiro de 1891

LOTÉRIAS DA CAPITAL 276 — 2ª PARTE Extracção AMANHA Extracção INTRANFERIVEL, A 1 HORA Os bilhetes acham-se á venda DISTRITO DE PIAUI, LIXEIROS DE BRUNDO, FORTES LIXEIROS DE JARDIM THESSOURARIA 21 RUA DO HOSPICIO 21 DE THESSOURARIA ALBERTA & SALLES THESSOURARIA ALBERTA & SALLES A THESSOURARIA ALBERTA & SALLES	CONORRHEAS LEUCORRHEAS THESSOURARIA	INJECCAO ANTI-BLENNORRAGICA DO PHARMACUTICO QUIMICO J. M. GOMES DE LACERDA LAFETAS PELA PREPARACAO DE VITRUM Deposito, pharmacia Rabelha, rua das Lavouras n. 90	INFUSAO DE SERRAVALLE Este suco de serravalle é muito usado para a cura de muitas doenças, e é muito apreciado por ser muito suave e agradável ao paladar. É muito usado para a cura de muitas doenças, e é muito apreciado por ser muito suave e agradável ao paladar. É muito usado para a cura de muitas doenças, e é muito apreciado por ser muito suave e agradável ao paladar.
BANCO DE PENHOR E HYPOTHECA CAPITAL 1.000.000.000,00, que será elevado a 5.000.000.000,00 Rua de Theatro 21 e 23 e a Rua de Setembro 144 e 146 e LIXEIROS DE BRUNDO DE BRUNDO 17 e 19	TURF-CLUB HOJE GRANDES CORRIDAS AO MEIO-DIA EM PORTO Dia 1.º de Fevereiro de 1891. O. S. ESTRELA, F. GALMON.	PETROPOLIS PHARMACIA POPULAR Preparada e vendida a preços muito baixos. EUGENIO DE ARAUJO LIMA Preparada e vendida a preços muito baixos. Preços Agudos em DA CAPITAL, FEDERAL Vende-se em 25 dias de Janeiro 78 AVENIDA 15 DE NOVEMBRO 78	A' PRACA Este suco de serravalle é muito usado para a cura de muitas doenças, e é muito apreciado por ser muito suave e agradável ao paladar. É muito usado para a cura de muitas doenças, e é muito apreciado por ser muito suave e agradável ao paladar. É muito usado para a cura de muitas doenças, e é muito apreciado por ser muito suave e agradável ao paladar.
THEATRO SARTANA EMPRESA DO ARTISTA HELLER HOJE Domingo 1 de Fevereiro de 1891 HOJE GRANDE NOVIDADE! O LAGO DAS FADAS O GRUDE!	THEATRO APOLLO HOJE ESPECTACULO SEM RIVAL HOJE HOJE GATO PRETO HOJE Domingo 1 de Fevereiro de 1891 HOJE A mais assombrosa de todas as misticas!!!	THEATRO VARIEDADES EMPRESA ISMENIA DOS SANTOS HOJE NOITES ORIENTAES!!! HOJE A mais assombrosa de todas as misticas!!!	CHAPÉUS DE SOL A' PRACA CÃO FUGIDO
THEATRO PHOENIX GALMATICI HOJE! DOMINGO 1 DE FEVEREIRO HOJE! O SINO DO EREMITERIO TOMA PARTE TODA A COMPANHIA Missa em honra do actor Mattos	THEATRO LUCINDA EMPRESA PESTANO CHIERA, DA QUAL FAZ PARTE O PROPRIO ACTOR CHIERA, O INTIMO DO PEREGRINO HOJE DOMINGO 1 DE FEVEREIRO DE 1891 HOJE ULTIMAS RECITAS ANTES DO CARNAVAL TODA ORVADA DE MUSICA	THEATRO RECREIO DRAMATICO COMPANHIA DRAMATICA-EMPRESA DIAS BRAGA HOJE DOMINGO 1 DE FEVEREIRO DE 1891 HOJE O BENDEGO' E O SARILHO! HOJE SERÁ REUNIDOS OS MEMBROS DE MUSICA DO GRANDE THEATRO DO BENTONCO	

Figura 12: Anúncios da última página da Gazeta de Notícias, domingo, 1º de fevereiro de 1891, p. 8.
© Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Hemeroteca Digital Brasileira.

¶ Contos seriados *versus* contos em um único fascículo

Um traço comum aos dois grandes grupos de periódicos é a coexistência de dois modelos de difusão de ficção: a publicação do texto na íntegra num único número e a publicação seriada em números consecutivos. Jornais e revistas publicavam ficção e não ficção seriada e não seriada, proporcionando aos leitores ritmos complementares de prazer textual.

Romances eram inevitavelmente publicados em forma seriada. Era prática comum publicar romances em fascículos e mais tarde imprimi-los em livro depois que mudanças (substanciais ou não) fossem feitas no texto. O romancista estreado também se submetia às convenções editoriais então em vigor, o que deixou marcas no resultado artístico dos romances. Exceto a primeira tentativa de Machado no gênero, *Ressurreição* (1872), todos os romances anteriores a *Quincas Borba* (1891) foram publicados, originalmente, na forma seriada antes de serem transferidos para livro. Em outro trabalho, discuti como a relação do autor com a literatura seriada se desenvolve e entra em crise durante a publicação de *Quincas Borba*, texto com o qual o autor encerra o ciclo de sua produção romanesca originalmente dirigida a periódicos⁵¹. *Quincas Borba* foi o romance cuja publicação se estendeu pelo maior período de tempo e o único que o escritor alterou em profundidade para a primeira edição em livro, ainda em 1891. Ao contrário do que aconteceu, sem exceção, com *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878) e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), a composição tipográfica dos fascículos de *Quincas Borba* não pôde ser reapro-

veitada para a impressão em livro. Através da análise do código bibliográfico desses romances, encontrei marcas dos obstáculos e desafios – a pressão do tempo, limitações de espaço e interferência de outros agentes na configuração física e artística do texto – que o romancista enfrentou para concluir a publicação e que certamente afetaram o produto final e pesaram na decisão de Machado de abandonar o formato como o meio original de publicação de seus romances.

TABELA 2: *Romances publicados por Machado de Assis*

ORIGINALMENTE EM FASCÍCULOS	SOMENTE EM LIVRO
<i>A Mão e a Luva</i> , 1874	<i>Ressurreição</i> , 1872
<i>Helena</i> , 1876	<i>Dom Casmurro</i> , 1889
<i>Iaiá Garcia</i> , 1878	<i>Esau e Jacó</i> , 1904
<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> , 1881	<i>Memorial de Aires</i> , 1908
<i>Quincas Borba</i> , 1891	

No que diz respeito aos contos, a primeira conclusão que podemos extrair do Gráfico 3 e da Tabela 3 é que o conto publicado em fascículos é exclusivo das revistas com conteúdo de moda. Vale dizer, a organização externa do conto em fascículos é condicionada por sua publicação num tipo específico de periódico. O escritor parece ter sido condicionado a prolongar seus textos quando começou a colaborar para o *Jornal das Famílias* e quando foi para *A Estação*, dado que seus dois trabalhos anteriores, “Três Tesouros Perdidos” e “O País das Quimeras”, foram publicados na íntegra em *A Marmota* (1858) e *O Futuro* (1862), respectivamente. A expansão da imprensa ao longo do século XIX foi possivelmente um dos maiores estímulos para o aumento na produção de contos. Autores como Machado de Assis e Tchêkhov produziam mais

51. Ana Claudia Suriani Silva, *Machado de Assis: Do Folhetim ao Livro*, São Paulo, Verso, 2015.

e rápido⁵². A necessidade de ser remunerado pela colaboração no *Jornal das Famílias* provavelmente condicionou o jovem es-

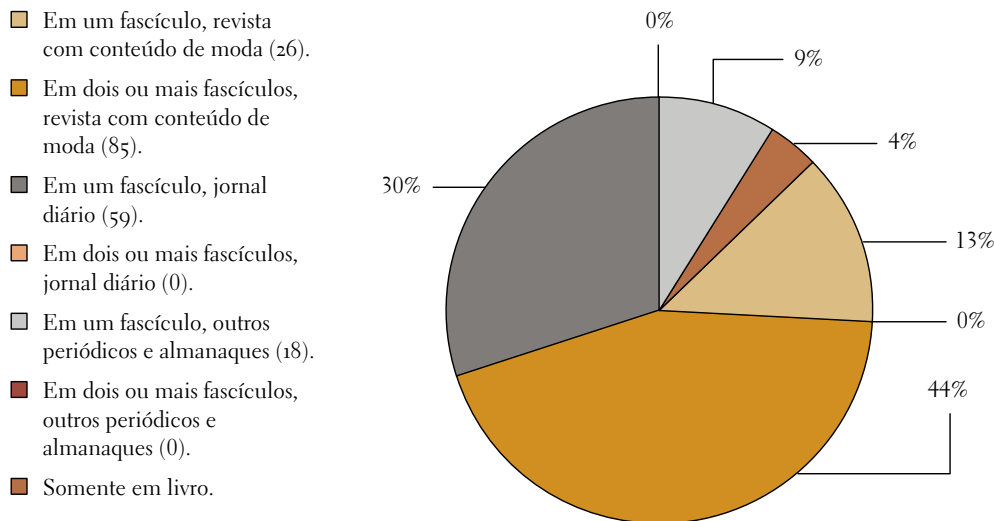
critor a alongar os textos de acordo com o generoso espaço para a ficção concedido pelo periódico.

TABELA 3: Contos divididos em fascículos por periódico excluindo aqueles atribuídos a Machado de Assis por Magalhães Júnior

TÍTULO		PUBLICADO SOMENTE EM UM FASCÍCULO	PUBLICADO EM MAIS DE UM FASCÍCULO
Revista com conteúdo de moda			
1	<i>A Marmota</i>	1	0
2	<i>Jornal das Famílias</i> : publicação ilustrada, recreativa, artística, etc.	13	59
3	<i>A Estação</i> . Jornal ilustrado para a família	12	26
Jornal diário			
4	<i>O Cruzeiro</i>	5	0
5	<i>Gazeta de Notícias</i>	54	0
Revista literária			
6	<i>O Futuro</i>	1	0
7	<i>Gazeta Literária</i>	3	0
Revista semanal			
8	<i>A Semana</i>	1	0
Revista científica e literária			
9	<i>Revista Brasileira</i> (terceira fase)	1	0
Sem classificação			
10	<i>A Quinzena</i> , Vassouras	1	0
11	<i>A Época</i>	2	0
Almanaque			
12	<i>Almanaque das Fluminenses</i>	1	0
13	<i>Almanaque da Gazeta de Notícias</i>	3	0
14	<i>Almanaque Brasileiro Garnier</i>	5	0
Contos somente publicados em livro			7

52. Ver a correspondência de Tchekhov com A. S. Suvorin; por exemplo, as cartas de 11 de setembro de 1888, 5 de março de 1891 e 11 de dezembro de 1891, em: Anton Chekhov, *The Project Gutenberg eBook of Letters of Anton Chekhov*, trad. Constance Garnett, 2004. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/6408/6408-h/6408-h.htm#link2H_4_0008>. Acesso em 10.12.2017.

GRÁFICO 3: Contos de acordo com o número de fascículos por tipo de periódico excluindo os textos atribuídos a Machado de Assis por Magalhães Júnior.



No século XIX a publicação em fascículos não se restringia à ficção. Era o formato editorial predominante que possibilitava que qualquer obra de poesia, prosa de ficção e não ficção fosse divulgada em partes, ao longo de um período estendido de tempo em intervalos regulares⁵³. De acordo com Feltes, os elementos específicos da forma do texto-mercadoria [*commodity-text*], determinados por sua divulgação em fascículos e vendas por assinatura, prolongavam o prazer da leitura e eram um fator essencial para a criação de significado e o estabelecimento de um vínculo estreito entre autor e leitor⁵⁴.

O tempo de leitura estendido era um elemento crucial da literatura publicada em folhetins, na medida em que “leitores e críticos elaboravam suposições e interpretações

provisórias sobre o mundo literário, as quais então moldavam a compreensão progressiva das obras à medida que estas avançavam parte por parte”⁵⁵. As reações e o envolvimento com tais obras estendidas eram diferentes daqueles que os leitores experimentavam ao ler um texto ou grupo de textos reunidos em livro numa sentada só ou em alguns dias ou semanas.

Como dito acima, não é o propósito deste artigo analisar textos específicos. Limite-me a anotar que as similaridades entre os contos longos do *Jornal das Famílias* e de *A Estação* com a literatura seriada e o romance já foram bem analisadas por vários críticos. Marlyse Meyer talvez tenha sido a primeira a sugerir que Machado de Assis seja o inventor do conto seriado brasileiro⁵⁶.

53. Linda Hughes e Michael Lund, “Linear Stories and Circular Vision: The Decline of the Victorian Serial”, org. por N. Katherine Hayles, *Chaos and Order: Complex Dynamics in Literature and Science*, Chicago, University of Chicago Press, 1991, pp. 167-194.

54. N. N. Feltes, *Modes of Production of Victorian Novels*, Chicago, The University of Chicago, 1986, p. 140.

55. Linda Hughes e Michael Lund, “Linear Stories and Circular Vision: The Decline of the Victorian Serial”, org. por N. Katherine Hayles, *Chaos and Order: Complex Dynamics in Literature and Science*, Chicago, University of Chicago Press, 1991, pp. 167-194.

56. Marlyse Meyer, *As Mil Faces de um Herói Canalha e Outros Ensaios*, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1998, p. 20.

Ao contrário dos contos publicados na *Gazeta de Notícias*, os textos das revistas com conteúdo de moda emulam uma estrutura que é mais característica da literatura seriada. Por exemplo, eles usam a técnica do gancho para criar um suspense temporário a ser dissolvido ou intensificado depois, e as aberturas dos capítulos não raro recapitulam brevemente os eventos narrados nos fascículos precedentes⁵⁷.

Além disso, o processo de leitura estava assentado em uma moldura material muito diferente daquela do livro. Cada número poderia ser visto como um texto único de autoria múltipla. Os leitores tinham diante de si a continuação da narrativa e outros elementos textuais e iconográficos, interligados pelo mesmo princípio editorial. A publicação concomitante de vários textos com outros seriados podia oferecer complicações e atrativos adicionais à leitura contínua, dosimétrica.

A segunda conclusão que podemos extrair dos dados acima é que, ao contrário do conto seriado, o conto publicado em um único fascículo não estava associado a um tipo específico de periódico. Este último apareceu em todos os tipos de periódicos e almanaques, inclusive nas revistas com conteúdo de moda, onde foram, no entanto, minoria: 26 dos 111 contos desse tipo de periódico não eram seriados.

A terceira conclusão do levantamento é que dois paradigmas de contos emergiram do ajuste da escrita criativa aos conjuntos específicos de convenções dos periódicos, e ambos coexistiram ao longo de toda a carreira de Machado de Assis como contista. Finalmente, o conto condensado parece ter

sido a forma preferida do autor e se tornou a forma predominante quando Machado de Assis se integrou ao grupo de colaboradores da *Gazeta de Notícias*.

¶ Contos selecionados para publicação em livro

O fato de que Machado de Assis deu preferência aos contos publicados em um único fascículo para compor suas antologias corrobora o argumento de que ele preferia esta forma à seriada. Este argumento não é válido para as duas primeiras antologias de contos, que contêm textos extraídos do *Jornal das Famílias*, já que o editor das antologias e do periódico era o mesmo Garnier. Além disso, Machado de Assis publicou apenas dois contos fora do *Jornal das Famílias* antes de 1873, ano da publicação de *Histórias da Meia-noite*: “Três Tesouros Perdidos” (*A Marmota*, 1858) e “O País das Quimeras” (*O Futuro*, 1862).

Nas décadas de 1880 e 1890 Machado colaborou ao mesmo tempo com a *Gazeta de Notícias* (1881-1895) e *A Estação* (1879-1898). Claramente ele preferiu republicar os contos da *Gazeta de Notícias* em detrimento dos textos de *A Estação*, embora sua colaboração com este periódico seja muito mais extensa. A predominância de textos da *Gazeta de Notícias* em cinco de suas sete antologias forma uma visão de sua produção de contos bem diferente da percepção do leitor dos periódicos, que acompanhavam Machado de Assis conto a conto na imprensa carioca.

Como vimos acima, ele publicou sete antologias de contos, totalizando 76 títulos. No começo da carreira publicou duas antologias pela Garnier, de acordo com Azevedo⁵⁸, com textos escolhidos a dedo entre aqueles que

57. Sílvia Maria Azevedo, *A Trajetória de Machado de Assis: Do Jornal das Famílias aos Contos e Histórias em Livro*, 1990; Linda Hughes e Michael Lund, *The Victorian Serial*, Charlottesville, University Press of Virginia, 1991; Jaison Luís Crestani, *Machado de Assis no Jornal das Famílias*, 2009.

58. Sílvia Maria Azevedo, *A Trajetória de Machado de Assis: Do Jornal das Famílias aos Contos e Histórias em Livro*, 1990.

escrevera como colaborador do *Jornal das Famílias*. Com exceção de “Miss Dollar”, que abre a primeira antologia e não tinha sido previamente publicado em folhetins, todos os contos que figuram em *Contos Fluminenses* e *Histórias da Meia-noite* foram previamente publicados no *Jornal das Famílias*, entre 1864 e 1869 (6), e 1870 e 1873 respectivamente (6). A estas duas antologias de contos, intercalam-se os dois primeiros romances do autor, *Ressurreição* e *A Mão e a Luva*, publicados em 1872 e 1874, respectivamente.

A terceira antologia de contos, *Papéis Avulsos* (1882), saiu depois dos romances *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878) e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). O escritor selecionou narrativas de vários periódicos, publicadas entre 1875 e 1882, predominando as da *Gazeta de Notícias* e textos não seriados: *O Cruzeiro* (1), *A Época* (1), *A Estação* (2) e *Gazeta de Notícias* (8).

Para a quarta antologia, *Histórias Sem Data* (1884), Machado de Assis selecionou dezesseis contos da *Gazeta de Notícias* e dois de *A Estação*, publicados entre 1883 e 1884, sendo apenas um publicado originalmente em mais de um fascículo. A quinta antologia, *Várias Histórias*, foi publicada apenas em 1896, isto é, bem depois de *Quincas Borba* (1891) e alguns anos antes de *Dom Casmurro* (1899). Contém dezesseis contos, todos extraídos da *Gazeta de Notícias* e publicados entre 1884 e 1891.

Páginas Recolhidas (1899) e *Relíquias da Casa Velha* (1906) não são antologias de contos propriamente ditas. Contém uma miscelânea de escritos, entre os quais alguns contos. A maioria dos textos que figuram em *Páginas Recolhidas* foi publicada entre 1892 e 1894. Oito eram contos, sendo cinco extraídos da *Gazeta de Notícias*, um de *A Semana*, um de *A Estação*, o único publicado originalmente em mais de um fascículo.

O oitavo conto, “Lágrimas de Xerxes”, até onde se sabe, era uma história original. *Relíquias da Casa Velha* é a última coletânea de textos publicada por Machado de Assis, dois anos antes de sua morte. Contém nove contos, sendo cinco textos originais, um da *Gazeta de Notícias*, um de *A Estação* e dois do *Almanaque Brasileiro Garnier*. Apenas o conto extraído de *A Estação* foi originalmente publicado em fascículos.

Ao privilegiar os contos publicados em um único fascículo, sobretudo aqueles extraídos da *Gazeta de Notícias*, Machado de Assis condicionou a canonização do paradigma de conto que melhor se enquadra no conceito do gênero elaborado por Edgar Allan Poe no século XIX:

Fazemos menção à narrativa em prosa curta, que exige de meia a uma ou duas horas para ser lida. O romance convencional tem contra si a extensão, por razões em essência já expostas. Como não pode ser lido em uma sentada, está destituído, é evidente, da imensa força que pode advir da totalidade. Interesses corriqueiros que intervêm durante os intervalos da leitura modificam, anulam ou amenizam, em grau maior ou menor, as impressões do livro. Mas a simples parada na leitura seria, em si mesma, suficiente para destruir a verdadeira unidade. Na narrativa breve, entretanto, o autor pode levar a cabo a integridade de sua intenção, seja ela qual for. Durante a hora de leitura a alma do leitor está nas mãos do autor. Não há influências externas ou extrínsecas advindas de fadiga ou interrupção⁵⁹.

De acordo com Poe, a história curta (*short story*) deveria 1. Permanecer curta, 2. Ser lida numa única sentada e 3. Visar à

59. Edgar Allan Poe, “Hawthorne’s Twice-Told Tales”, *Graham’s Magazine*, 1842. Disponível em: <<http://xroads.virginia.edu/~hyper/poe/hawthorne.html>>. Acesso em 10.12.2017.

unidade de efeito. Além disso, não deveria haver influências externas ou extrínsecas que interferissem na experiência de leitura. Nenhum desses princípios se aplica aos contos publicados em fascículos. Os três primeiros princípios se aplicam ao conto publicado em um só fascículo, à diferença do princípio da eliminação de influências externas ou extrínsecas, pelo menos para o leitor de periódicos. Como discutimos acima, a experiência de leitura nesse meio é afetada pelos outros materiais na página ou em páginas adjacentes.

No que tange à unidade de efeito, Poe acredita que um bom e memorável texto deve, intrinsecamente, se ater a um evento, suprimindo comentários ou explicações sobre o evento narrado. Sua efetividade estaria intimamente ligada à economia e tensão, ritmo, pulsação interna, imprevistos dentro de parâmetros preestabelecidos. Nos contos mais canônicos de Machado de Assis, que são aqueles publicados em um só fascículo, a unidade de efeito parece ser um raciocínio que vai além do evento em si, além da análise psicológica, da história e das personagens⁶⁰. Acredito que (e esta é apenas uma hipótese, porque me encontro na zona cinzenta entre o código bibliográfico e o linguístico), mais do que produzir um efeito único, Machado de Assis criou para os contos publicados, sobretudo, na *Gazeta de Notícias*, um dispositivo formal que impelia os leitores à releitura, de modo que tais textos sobrevivessem à efemeridade do número vendido avulso.

Nesse sentido, a definição de conto por Ricardo Piglia parece mais adequada a Machado de Assis:

[...] um conto sempre conta duas histórias.

O conto clássico (Poe, Quiroga) narra em primeiro plano a história 1 (o relato do jogo) e constrói em segredo a história 2 (o relato do suicídio). A arte do contista consiste em saber cifrar a história 2 nos interstícios da história 1. Um relato visível esconde um relato secreto, narrado de um modo elíptico e fragmentário⁶¹.

Os leitores são induzidos à releitura para capturar esta segunda história. Enquanto os textos publicados em fascículos atendiam ao prazer da leitura estendida, alimentando a expectativa e adiando a conclusão da história, inclusive para estimular as assinaturas e o hábito de colecionar a revista, o conto publicado em fascículo único estimulava uma leitura cíclica que fazia os leitores voltarem ao início depois de ter alcançado o fim.

Concluindo, a existência de contos divididos em fascículos ou publicados num único número não implica a evolução de um formato, no qual o suspense intermediário é a mola-mestra do enredo, para o outro, estruturado em torno seja da unidade de efeito ou da dualidade de significado. Todas as obras emergiram graças aos mútuos esforços do autor e dos mecanismos de produção acionados pelos editores, ou seja, à rede dos agentes codificadores que atuam ao mesmo tempo no chamado nível documental e bibliográfico das obras literárias.

60. Patrícia Lessa Flores da Cunha, “O Modo de Narrar do Conto Machadiano: Machado, Avesso de Poe”, *Organon*, vol. 10, n. 24. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28692>>. Acesso em 10.12.2017.

61. Ricardo Piglia, *Formas Breves*, trad. José Marcos Mariani de Macedo, São Paulo, Companhia das Letras, 2004, pp. 89-90.

Apêndice 1: Contos de Machado de Assis por periódico

TOTAL	TOTAL POR PERIÓDICO	TÍTULO	DATA – EM FASCÍCULOS	DATA – EM UM FASCÍCULO	PUBLICAÇÃO EM LIVRO	ASSINATURA
		1. <i>Jornal das Famílias</i>	publicado mensalmente			
1	1	“Frei Simão”		jun. 1864	<i>Contos Fluminenses</i>	M. A
2	2	“Virginius”	jul.-ago. 1864			Machado de Assis
3	3	“O anjo das Donzelas”	set.-out. 1864			Max
4	4	“Casada e Viúva”		nov. 1864		Machado de Assis
5	5	“Questão de Vaidade”	dez. 1864-mar. 1865			Machado de Assis
6	6	“Confissões de uma Viúva Moça”	abr.-jun. 1865		<i>Contos Fluminenses</i>	J.
7	7	“Cinco Mulheres”	ago.-jul. 1865			Job
8	8	“Linha Reta e Linha Curva”	out. 1865-jan. 1866		<i>Contos Fluminenses</i>	Job
9	9	“O Oráculo”		jan. 1866		Max
10	10	“Uma Excursão Milagrosa”	abr.-maio 1866			A.
11	11	“O Que São as Moças”	maio-jun. 1866			Max
12	12	“A Pianista”	set.-out. 1866			J. J.
13	13	“Astúcias de Marido”	out.-nov. 1866			Job
14	14	“O Último Dia de um Poeta”	maio-jun. 1867			Max
15	15	“Não É Mel Para a Boca de Asno”		jan. 1868		Victor de Paula
16	16	“O Carro nº 13”		mar. 1868		Victor de Paula
17	17	“A Mulher de Preto”	abr.-maio 1868		<i>Contos Fluminenses</i>	J. J.
18	18	“O Segredo de Augusta”	jul.-ago. 1868		<i>Contos Fluminenses</i>	Machado de Assis
19	19	“Luiz Soares”		jan. 1869	<i>Contos Fluminenses</i>	J. J.
20	20	“O Anjo Rafael”	out.-dez. 1869			Victor de Paula
21	21	“O Capitão Mendonça”	?-maio 1870			Machado de Assis

TOTAL	TOTAL POR PERIÓDICO	TÍTULO	DATA – EM FASCÍCULOS	DATA – EM UM FASCÍCULO	PUBLICAÇÃO EM LIVRO	ASSINATURA
22	22	“O Rei dos Caiporas”	set.-out. 1870			Job
23	23	“Aurora sem Dia”	nov.-dez. 1870		<i>Histórias da Meia-noite</i>	Victor de Paula
24	24	“Mariana” (1871)		jan. 1871		J. J.
25	25	“Aires e Vergueiro”		jan. 1871		J. J.
26	26	“Almas Agradecidas”	mar., out. 1871			Machado de Assis
27	27	“O Caminho de Damasco”	nov.-dez. 1871			Job
28	28	“Rui de Leão”	jan.-mar. 1872			Max
29	29	“Quem Não Quer Ser Lobo”	abr.-maio 1872			J. J.
30	30	“Uma Loureira”	maio-jun. 1872			Lara
31	31	“A Parasita Azul”	jun.-set. 1872		<i>Histórias da Meia-noite</i>	Job
32	32	“Qual dos Dois?”	set. 1872-jan. 1873			J. J.
33	33	“Uma Águia sem Asas”	set.-out. 1872			J. J.
34	34	“Quem Conta um Conto”	fev.-mar. 1873			J. J.
35	35	“Ernesto de Tal”	mar.-abr. 1873		<i>Histórias da Meia-noite</i>	J. J. and Job
36	36	“Tempo de Crise”		abr. 1873		Lara
37	37	“O Relógio de Ouro”	abr.-maio 1873		<i>Histórias da Meia-noite</i>	Job
38	38	“Dezadência de Dois Grandes Homens”		maio 1873		Max
39	39	“As Bodas do Dr. Duarte”	jun.-jul. 1873		<i>Histórias da Meia-noite (As Bodas do Luís Duarte)</i>	Lara
40	40	“Nem Uma Nem Outra”	ago.-set. 1873			J. J.
41	41	“Um Homem Superior”	ago.-set. 1873			Job
42	42	“Quem Desdenha”	out.-nov. 1873		<i>Histórias da Meia-noite (Ponto de Vista)</i>	Machado de Assis
43	43	“Os Óculos de Pedro Antão”	mar.-maio 1874			J. J.
44	44	“Um Dia de Entrudo”	jun.-ago. 874			Lara
45	45	“Muitos Anos Depois”	out.-nov. 1874			Lara

TOTAL	TOTAL POR PERIÓDICO	TÍTULO	DATA – EM FASCÍCULOS	DATA – EM UM FASCÍCULO	PUBLICAÇÃO EM LIVRO	ASSINATURA
46	46	“Miloca”	nov. 1874-fev. 1875			J. J.
47	47	“Valério” Job	dez. 1874-mar. 1875			Job
48	48	“Brincar com Fogo”	jul.-ago. 1875			Lara
49	49	“Antes que Cases”	jul.-set. 1875			B. B.
50	50	“A Mágoa do Infeliz Cosme”	ago.-set. 1875			Job
51	51	“A Última Receita”		set. 1875		J. J.
52	52	“Um Esqueleto”	out.-nov. 1875			Victor de Paula
53	53	“Onze Anos Depois”	out.-nov. 1875			Machado de Assis
54	54	“Casa, não Casa”	dez. 1875-jan. 1876			Machado de Assis
55	55	“História de uma Fita azul”	dez. 1875-fev. 1876			Machado de Assis
56	56	“To Be or Not to Be”	fev.-mar. 1876			Machado de Assis
57	57	“Longe dos Olhos”	mar.-maio 1876			Machado de Assis
58	58	“Encher Tempo”	abr.-jul. 1876			Machado de Assis
59	59	“O Passado, Passado”	jun.-ago. 1876			Lara
60	60	“D. Mônica”	ago.-out. 1876			Lara
61	61	“Uma Visita de Alcibíades” (1876)		out. 1876		Victor de Paula
62	62	“O Astrólogo”	nov. 1876-jan. 1877			Machado de Assis
63	63	“Sem Olhos”	dez. 1876-fev. 1877			Machado de Assis
64	64	“Um Almoço”	mar.-maio 1877			Machado de Assis
65	65	“Silvestre”	jun.-ago. 1877			Victor de Paula
66	66	“A Melhor das Noivas”	set.-out. 1877			Victor de Paula
67	67	“Um Ambicioso”	nov. 1877-jan. 1878			Machado de Assis
68	68	“O Machete”	fev.-mar. 1878			Lara
69	69	“A Herança”	abr.-maio 1878			Machado de Assis
70	70	“Conversão de um Avaro”	jul.-ago. 1878			Machado de Assis

TOTAL	TOTAL POR PERIÓDICO	TÍTULO	DATA – EM FASCÍCULOS	DATA – EM UM FASCÍCULO	PUBLICAÇÃO EM LIVRO	ASSINATURA
71	71	“Folha Rota”		out. 1878		Machado de Assis
72	72	“Dívida Extinta”	nov.-dez. 1878			Machado de Assis
		2. <i>A Estação</i>	publicado quinzenalmente			
73	1	“Um para o Outro”	30 jul., 15-30 ago., 15-30 set., 15 out. 1879			M. de Assis
74	2	“A Chave”	15 and 30 dez. 1879; 15-30 jan., 15 fev. 1880			Machado de Assis, M. de Assis
75	3	“O Caso da Viúva”	15-31 jan., 15-28 fev., 15 mar. 1881			Machado de Assis, M. de Assis
76	4	“A Mulher Pálida”	15-31 ago., 15-30 set. 1881			M. de A.
77	5	“O Alienista”	15-31 out., 15-30 nov., 15-31 dez. 1881, 15-31 jan., 15-28 fev., 15 mar. 1882		<i>Papéis Avulsos</i>	Machado de Assis
78	6	“D. Benedita”	15-30 abr., 15-31 maio, 15 jun. 1882		<i>Papéis Avulsos</i>	Machado de Assis
79	7	“O Imortal”	15-31 jul., 15-31 ago., 15 set. 1882			Machado de Assis
80	8	“Letra Vencida”	31 out., 15-30 nov. 1882			Machado de Assis
81	9	“O Programa”	31 dez. 1882, 15-31 jan., 15-28 fev., 15 mar. 1883			Machado de Assis
82	10	“História Comum”		15 abr. 1883		Machado de Assis
83	11	“O Destinado”		30 abr. 1883		Machado de Assis
84	12	“Cantiga de Esponsais”		15 maio 1883	<i>Histórias Sem Data</i>	Machado de Assis
85	13	“Troca de Datas”	31 maio, 15-30 jun. 1883			Machado de Assis
86	14	“Questões de Maridos”		15 jul. 1883		Machado de Assis
87	15	“Três Conseqüências”		31 jul. 1883		M. A.
88	16	“Capítulo dos Chapéus”	15-31 ago., 15 set. 1883		<i>Histórias Sem Data</i>	Machado de Assis
89	17	“Médico é Remédio”	31 out., 15 nov. 1883			M. A.

TOTAL	TOTAL POR PERIÓDICO	TÍTULO	DATA – EM FASCÍCULOS	DATA – EM UM FASCÍCULO	PUBLICAÇÃO EM LIVRO	ASSINATURA
90	18	“Cantiga Velha”	30 nov., 15-31 dez. 1883			Machado de Assis
91	19	“Trina e Una”	15-31 jan., 15 fev. 1884			Machado de Assis
92	20	“O Contrato”		29 fev. 1884		M. de A.
93	21	“A Carteira”		15 mar. 1884		M. de A.
94	22	“O Melhor Remédio”		31 mar. 1884		M. A.
95	23	“A Viúva Sobral”	15-30 abr., 15 maio 1884			M. de A.
96	24	“Entre Duas Datas”	31 maio, 15-30 jun. 1884			M. de A.
97	25	“Vinte Anos! Vinte Anos!”		15 jul. 1884		Machado de Assis
98	26	“O Caso do Romualdo”	15-30 set., 15-31 out., 15-30 nov. 1884			Machado de Assis
99	27	“Uma Carta”		15 dez. 1884		M. de A.
100	28	“Curta História”		31 maio 1886		Machado de Assis
101	29	“Pobre Finoca”	31 dez. 1891, 15-31 jan. 1892			M. de A.
102	30	“O Caso Barreto”	15-31 mar., 15 abr. 1892			Machado de Assis
103	31	“Um Sonho e Outro Sonho”	31 maio, 15 jun., 31 jul., 15 ago. 1892			Machado de Assis
104	32	“Uma Partida”	31 out., 15 nov., 15-31 dez. 1892			Machado de Assis
105	33	“Um Quarto de Século”	15-31 ago., 15-30 set. 1893			Machado de Assis
106	34	“João Fernandes”		15 jan. 1894		Machado de Assis
107	35	“A Inglesinha Barcelos”	31 maio, 15-30 jun. 1894			Machado de Assis
108	36	“Um Erradio”	15-30 set., 15-31 out., 15-30 nov. 1894		<i>Páginas Recolhidas</i>	Machado de Assis
109	37	“Uma por Outra”	15-30 set., 15-31 out., 15-30 nov., 15 dez. 1897			Machado de Assis
110	38	“Relógio Parado”	15-31 jan., 28 fev., 15-31 mar. 1898		<i>Relíquias de Casa Velha</i> (“Maria Cora”)	Machado de Assis
		3. <i>Gazeta de Notícias</i>	publicado diariamente			

TOTAL	TOTAL POR PERIÓDICO	TÍTULO	DATA – EM FASCÍCULOS	DATA – EM UM FASCÍCULO	PUBLICAÇÃO EM LIVRO	ASSINATURA
111	1	“Teoria do Medalhão”		18 dez. 1881	<i>Papéis Avulsos</i>	Machado de Assis
112	2	“Uma Visita de Alcibíades” (1882)		1 jan. 1882	<i>Papéis Avulsos</i>	
113	3	“Um Capítulo Inédito de Fernão Mendes Pinto”		30 abr. 1882	<i>Papéis Avulsos</i> (“O Segredo do Bonzo”)	Machado de Assis
114	4	“O Anel de Polícrates”		2 jul. 1882	<i>Papéis Avulsos</i>	Machado de Assis
115	5	“O Empréstimo”		30 jul. 1882	<i>Papéis Avulsos</i>	Machado de Assis
116	6	“A Sereníssima República”		20 ago. 1882	<i>Papéis Avulsos</i>	Machado de Assis
117	7	“O Espelho”		8 set. 1882	<i>Papéis Avulsos</i>	Machado de Assis
118	8	“Verba Testamentária”		8 out. 1882	<i>Papéis Avulsos</i>	Machado de Assis
119	9	“A Igreja do Diabo”		17 fev. 1883	<i>Histórias Sem Data</i>	Machado de Assis
120	10	“Papéis Velhos”		14 mar. 1883	<i>Páginas Recolhidas</i>	Machado de Assis
121	11	“A Ideia de Ezequiel Maia”		30 mar. 1883		Machado de Assis
122	12	“O Lapsos”		17 abr. 1883	<i>Histórias Sem Data</i>	Machado de Assis
123	13	“Conto Alexandrino”		13 maio 1883	<i>Histórias Sem Data</i>	Machado de Assis
124	14	“Singular Ocorrência”		30 maio 1883	<i>Histórias Sem Data</i>	Machado de Assis
125	15	“Último Capítulo”		20 jun. 1883	<i>Histórias Sem Data</i>	Machado de Assis
126	16	“Galeria Póstuma”		2 ago. 1883	<i>Histórias Sem Data</i>	Machado de Assis
127	17	“Anedota Pecuniária”		6 out. 1883	<i>Histórias Sem Data</i>	Machado de Assis
128	18	“Primas de Sapucaia!”		24 out. 1883	<i>Histórias Sem Data</i>	Machado de Assis
129	19	“Uma Senhora”		27 nov. 1883	<i>Histórias Sem Data</i>	Machado de Assis
130	20	“Fulano”		4 jan. 1884	<i>Histórias Sem Data</i>	Machado de Assis
131	21	“Noite de Almirante”		10 fev. 1884	<i>Histórias Sem Data</i>	Machado de Assis
132	22	“Manuscrito de um Sacristão”		17 fev. 1884	<i>Histórias Sem Data</i>	Machado de Assis
133	23	“Ex Cathedra”		8 abr. 1884	<i>Histórias Sem Data</i>	Machado de Assis

TOTAL	TOTAL POR PERIÓDICO	TÍTULO	DATA – EM FASCÍCULOS	DATA – EM UM FASCÍCULO	PUBLICAÇÃO EM LIVRO	ASSINATURA
134	24	“A Senhora do Galvão”		14 maio 1884	<i>Histórias Sem Data</i>	Machado de Assis
135	25	“As Academias de Sião”		6 jun. 1884	<i>Histórias Sem Data</i>	Machado de Assis
136	26	“Evolução”		24 jun. 1884	<i>Relíquias de Casa Velha</i>	Machado de Assis
137	27	“Coisas Íntimas”		13 jul. 1884	<i>Várias Histórias</i> (“O Enfermeiro”)	Machado de Assis
138	28	“Conto de Escola”		8 set. 1884	<i>Várias Histórias</i>	Machado de Assis
139	29	“D. Paula”		12 out. 1884	<i>Várias Histórias</i>	Machado de Assis
140	30	“O Diplomático”		29 out. 1884	<i>Várias Histórias</i>	Machado de Assis
141	31	“A Cartomante”		28 nov. 1884	<i>Várias Histórias</i>	Machado de Assis
142	32	“Sól!”		6 jan. 1885		Machado de Assis
143	33	“Adão e Eva”		1 mar. 1885	<i>Várias Histórias</i>	Machado de Assis
144	34	“A Agulha e a Linha”		1 mar. 1885	<i>Várias Histórias</i> (“Um Apólogo”)	Machado de Assis
145	35	“Os Dicionários”		1 mar. 1885	<i>Páginas Recolhidas</i> (“O Dicionário”)	Machado de Assis
146	36	“A Causa Secreta”		1 ago. 1885	<i>Várias Histórias</i>	Machado de Assis
147	37	“Habilidoso”		6 set. 1885		Machado de Assis
148	38	“Viagem à Roda de Mim Mesmo”		4 out. 1885		Machado de Assis
149	39	“Uns Braços”		5 nov. 1885	<i>Várias Histórias</i>	Machado de Assis
150	40	“O Cônego ou a Metafísica do Estilo”		22 nov. 1885	<i>Várias Histórias</i>	Machado de Assis
151	41	“Entre Santos”		1 jan. 1886 (Suplemento Literário)	<i>Várias Histórias</i>	Machado de Assis
152	42	“Trio em Lá Menor”		20 jan. 1886 (Suplemento Literário)	<i>Várias Histórias</i>	Machado de Assis
153	43	“Viver!”		28 fev. 1886 (Suplemento Literário)	<i>Várias Histórias</i>	Machado de Assis
154	44	“Terpsícore”		25 mar. 1886 (Suplemento Literário)		Machado de Assis

TOTAL	TOTAL POR PERIÓDICO	TÍTULO	DATA – EM FASCÍCULOS	DATA – EM UM FASCÍCULO	PUBLICAÇÃO EM LIVRO	ASSINATURA
155	45	“Pobre Cardeal”		6 jul. 1886		Machado de Assis
156	46	“A Desejada das Gentes”		15 jul. 1886 (Suplemento Literário)	<i>Várias Histórias</i>	Machado de Assis
157	46	“Identidade”		14 mar. 1887		Machado de Assis
158	48	“Sales”		30 maio 1887		Machado de Assis
159	49	“Eterno!”		9 set. 1887	<i>Páginas Recolhidas</i>	Machado de Assis
160	50	“Um Homem Célebre”		29 jun. 1888	<i>Várias Histórias</i>	Machado de Assis
161	51	“D. Jucunda”		1 jan. 1889		Machado de Assis
162	52	“O Caso da Vara”		1 fev. 1891	<i>Páginas Recolhidas</i>	Machado de Assis
163	53	“Mariana” (1891)		18 out. 1891	<i>Várias Histórias</i>	
164	54	“Que é o Mundo”		15 nov. 1895	<i>Páginas Recolhidas</i> (“Ideias de Canário”)	Machado de Assis
		4. <i>A Marmota</i>	publicado duas vezes por semana			
165	1	“Três Tesouros Perdidos”		5 jan. 1858		Machado d’Assis
		5. <i>O Futuro</i>	publicado quinzenalmente			
166	1	“O País das Quimeras”		1 nov. 1862		Machado de Assis
		6. <i>A Época. Revista da Quinzena. Fantasias, Romances, Letras, Teatros, Belas-Artes.</i>	publicado quinzenalmente			
167	1	“A Chinela Turca”		11 nov. 1875	<i>Papéis Avulsos</i>	Manassés
168	2	“O Sainete”		1 dez. 1875		Manassés
		7. <i>O Cruzeiro</i>	publicado diariamente			
169	1	“Um Cão de Lata ao Rabo”		2 abr. 1878		Eleazar
170	2	“O Califa de Platina”		9 abr. 1878		Eleazar
171	3	“Filosofia de um Par de Botas”		23 abr. 1878		Eleazar
172	4	“Na Arca”		14 maio 1878	<i>Papéis Avulsos</i>	Eleazar
173	5	“Elogia da Vaidade”		28 maio 1878		Eleazar

TOTAL	TOTAL POR PERIÓDICO	TÍTULO	DATA – EM FASCÍCULOS	DATA – EM UM FASCÍCULO	PUBLICAÇÃO EM LIVRO	ASSINATURA
		8. <i>Gazeta Literária</i>	??			
174	1	“Vidros Quebrados”		15 nov. 1883		Machado de Assis
175	2	“Metafísica das Rosas”		1 dez. 1883		Machado de Assis
176	3	“A Segunda Vida”		15 jan. 1884	<i>Histórias Sem Data</i>	Machado de Assis
		9. <i>A Quinzena, Vassouras</i>	publicado quinzenalmente?			
177	1	“Um Dístico”		1 jun. 1886		Machado de Assis
		10. <i>Almanaque das Fluminenses</i>	publicado anualmente			
178	1	“Como se Inventaram os Almanques”		1890		M. de A.
		11. <i>Almanaque da Gazeta de Notícias</i>	publicado anualmente			
179	1	“Vênus! Divina Vênus!”		1893		Machado de Assis
180	2	“Orai por Ele”		1895		Machado de Assis
181	3	“Flor Anônima”		1897		Machado de Assis
		12. <i>A Semana</i>	publicado semanalmente			
182	1	“Missa do Galo”		12 maio 1894	<i>Páginas Recolhidas</i>	Machado de Assis
		13. <i>Revista Brasileira</i>	publicado quinzenalmente			
183	1	“Uma Noite”		dez. 1895		Machado de Assis
		14. <i>Almanaque Brasileiro Garnier</i>	publicado anualmente			
184	1	“Pílades e Orestes”		1903	<i>Relíquias da Casa Velha</i>	Machado de Assis
185	2	“Jogo do Bicho”		1904		Machado de Assis
186	3	“Anedota do Cabriolé”		1905	<i>Relíquias da Casa Velha</i>	Machado de Assis
187	4	“Um Incêndio”		1906		Machado de Assis
188	5	“O Escrivão Coimbra”		1907		Machado de Assis
		Publicado somente em livro				

TOTAL	TOTAL POR PERIÓDICO	TÍTULO	DATA – EM FASCÍCULOS	DATA – EM UM FASCÍCULO	PUBLICAÇÃO EM LIVRO	ASSINATURA
189	1	“Miss Dollar”			<i>Contos Fluminenses</i>	
190	2	“Lágrimas de Xerxes”			<i>Páginas Recolhidas</i>	
191	3	“Pai Contra Mãe”			<i>Relíquias da Casa Velha</i>	
192	4	“Marcha Fúnebre”			<i>Relíquias da Casa Velha</i>	
193	5	“Um Capitão de Voluntários”			<i>Relíquias da Casa Velha</i>	
194	6	“Suje-se Gordo!”			<i>Relíquias da Casa Velha</i>	
195	7	“Umas Férias”			<i>Relíquias da Casa Velha</i>	

Apêndice 2: Contos de autoria questionável

1. “Francisca”, *Jornal da Famílias*, 1867, pp. 73-86, assinado “Máximo”: *Contos Recolhidos*, pp. 17-25.
2. “O Pai”, *Jornal da Famílias*, 1866, assinado “M.”: *Contos Recolhidos*, pp. 30-48.
3. “Fernando e Fernanda”, *Jornal da Famílias*, 1866, pp. 329-338, pp. 353-359, assinado “Máximo”: *Contos Recolhidos*, pp. 48-58.
4. “Diana”, *Jornal da Famílias*, fevereiro de 1866, pp. 49-62, publicado anonimamente: *Contos Avulsos*, pp. 37-45.
5. “Onda”, *Jornal da Famílias*, abril de 1867, pp. 97-112, assinado “Máximo”: *Contos Avulsos*, pp. 46-57.
6. “A Vida Eterna”, *Jornal da Famílias*, janeiro de 1870, pp. 118, assinado “Camilo da Anunciação”: *Contos Avulsos*, pp. 58-67.
7. “Possível e Impossível”, *Jornal da Famílias*, 1867: janeiro, pp. 15-24, fevereiro, 43-52, assinado “Marco Aurélio”: *Contos Avulsos*, pp. 68-81.
8. “O Teles e o Tobias (Quadro de Costumes Políticos)”, *Semana Ilustrada*, RJ, n. 243, 244, 245, 246, 246, 247, 248, 249, 252, 253, 255, 256 de 6, 13, 20, 27 de agosto; 3, 10, 17 de setembro; 8, 15, 29 de outubro e 5 de novembro de 1865 respectivamente (no capítulo I, sem assinatura; em II, assinado “M”; de III a X, sem assinatura; e em XI, assinado, “****”): *Contos Avulsos*, pp. 106-183. *Contos e Crônicas*, pp. 15-43.
9. “Duas Juízas”, *A Estação*, 30 de setembro e 15 de outubro de 1883, assinado “Próspero”: *Contos Sem Data*, pp. 33-36.
10. “O Incurrigível”, *A Estação*, 31 de setembro de 1884, pp. 105, assinado “****”: *Contos Sem Data*, pp. 45-47.
11. “Um Bilhete”, *A Estação*, 28 de fevereiro de 1885, assinado “z. z. z.”: *Contos Sem Data*, pp. 50-51.
12. “História de uma lágrima”, *Jornal da Famílias*, novembro de 1867, pp. 332-343, assinado “J. B.”: *Contos Sem Data*, pp. 56-65.

13. “Curiosidade”, *A Estação*; 1879: 31 de janeiro, p. 17; 28 de fevereiro, p. 35; 30 de março, p. 52; 30 de abril, pp. 81-82; 31 de maio, pp. 92; 15 de julho, pp. 102; 30 de junho, pp. 112; assinado “M.”: *Contos Sem Data*, pp. 82-104.
14. “Quinhentos Contos”, *Jornal das Famílias*, 1868: pp. 165-179, pp. 197-205; assinado “Otto”: *Contos Esparsos*, pp. 78-93.
15. “A Menina dos Olhos Pardos”, *Jornal das Famílias*, 1873: pp. 353-361; 1874: pp. 11-17, pp. 33-36; assinado “Otto”: *Contos Esparsos*, pp. 94-105.
16. “Canseiras em Vão”, *Jornal das Famílias*, 1872: pp. 206-214, pp. 242-250; assinado “O. o.”: *Contos Esparsos*, pp. 106-117.
17. “Quem Boa Cama Faz”, *Jornal das Famílias*, 1875: pp. 111-118, 144-149, 170-179; assinado “O. o.”: *Contos Esparsos*, pp. 118-132.
18. “A Felicidade”, *Jornal das Famílias*, 1871: março, pp. 78-82; abril, pp. 109-116; assinado “X.”: *Contos Esparsos*, pp. 136-145.
19. “Felicidade pelo Casamento”, *Jornal das Famílias*, 1866: junho, pp. 168-179; julho, 193-205; assinado “F.” (primeira parte) e “S.” (segunda parte): *Contos*, pp. 54-72. *Contos Esparsos*, pp. 146-163.
20. “Quinhentos Contos”, *Jornal das Famílias*, 1868: pp. 165-179, 197-205; assinado “Otto”: *Contos Esparsos*, pp. 78-93.

Apêndice 3: Obras de Machado de Assis

- Outras Relíquias*, Rio de Janeiro, Garnier, 1910.
Novas Relíquias, Rio de Janeiro, Guanabara, 1932.
Relíquias da Casa velha II, Rio de Janeiro, Jackson, 1937.
Contos Fluminenses II, Rio de Janeiro, Jackson, 1955.
Histórias Românticas, Rio de Janeiro, Jackson, 1955.
Obra Completa, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1959.
Obra Completa, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2008.
Contos Avulsos, org. Raimundo Magalhães Júnior, Rio de Janeiro, Tecnoprint, s.d.
- Contos Esparsos*, org. Raimundo Magalhães Júnior, Rio de Janeiro, Tecnoprint, s./d.
Contos Esquecidos, org. Raimundo Magalhães Júnior, Rio de Janeiro, Tecnoprint, s./d.
Contos Recolhidos, org. Raimundo Magalhães Júnior, Rio de Janeiro, Tecnoprint, s./d.
Contos Sem Data, org. Raimundo Magalhães Júnior, Rio de Janeiro, Tecnoprint, s./d.
- FONTES DIGITAIS:
<http://www.machadodeassis.ufsc.br> (acesso em 10 de dezembro de 2017).
 Romances e Contos em Hipertexto, <http://machadodeassiss.net> (acesso em 10 de dezembro de 2017).

